EAE

ANO II NUM. 14

EDUCANDO

Revista

SOB OS AUSPÍCIOS

DA ASSOCIAÇÃO
DOS
PROFESSORES PRIMÁRIO
DE
MINAS GERAIS

SETEMBRO — 1941

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO
N.º 527
Data 22.11.78
BIBLIOTECA

NA SEMANA DA PÁTRIA

Palavras do Dr. CRISTIANO MACHADO

QUANTO NOS POSSA FALAR Á SENSIBILIDADE, EM DIÁLOGO ÍNTIMO E SEVERO COM A NOSSA CONCIÊNCIA, BUSQUEMOS NESTAS HORAS CONSAGRADAS Á PÁTRIA A CONFORMIDADE MÁXIMA QUE NOS SEJA POSSÍVEL COM OS SEUS SERVIDORES QUE JÁ SE FORAM, ETERNIZANDO EM VIDAS HERÓICAS, EXEMPLOS A IMITAR, ROTEIROS A SEGUIR, LIÇÕES A FECUNDAR.

TENHAM PARA NÓS TODAS AS FASES DA EXISTÊNCIA A SUA PROFUNDA SIGNIFICAÇÃO PARA A COMUNHÃO BRASILEIRA, QUE DESEJAMOS CADA VEZ MAIS ENOBRECIDA NA LAREIRA ANÔNIMA OU OBSCURA DO OBREIRO HUMILDE COMO NO AMBIENTE DOS PALÁCIOS, NAS LARGAS AVENIDAS DOS CENTROS URBANOS COMO NAS ESTRADAS MODESTAS DO MAIS DISTANTE RINCÃO DE NOSSO HINTERLAND.

FAÇAMOS TODOS CONSTANTE APÊLO ÁS NOSSAS MAIS ÍNTIMAS ENERGIAS PARA QUE VIVA E SE ACLARE CADA VEZ MAIS EM NÓS ESSA CHAMA PATRIÓTICA, TÃO CHEIA DE ANSEIOS E COMPREENSIVA DE OBJETIVIDADES, QUE ELEVA AS NAÇÕES E DIGNIFICA OS POVOS.

NAS DIMENSÕES DESTE EXAME DE CONCIÊNCIA E DESTA AFIRMAÇÃO, HAVEREMOS DE ENCONTRAR COMPENSAÇÕES QUE NOS ALIMENTEM ÊSSE PERSISTENTE E NOBRE DESEJO DE CONTRIBUIR QUANTO EM NÓS SEJA AINDA CAPAZ A VONTADE DE SERVIR, E O ÉCO E A RESSONANCIA DOS FEITOS DAS GRANDES FIGURAS QUE SE FORAM PARA ESTAR PRESENTES Á NOSSA INTELIGÊNCIA E AOS NOSSOS CORAÇÕES.

ÊSSE ÉCO E ESSA RESSONANCIA VÃO JÁ AGORA E SOBRETUDO AO ENTENDIMENTO DA JUVENTUDE DE NOSSA TERRA.

E PORQUE O DIA E' DELA E A AFIRMAÇÃO E' DELA E PARA O BRASIL, QUER O GOVÊRNO TRAZER-LHE TAMBÉM O SEU CONFIANTE PROTESTO DE AFEIÇÃO, EIS QUE NELA VÊ ESPLENDER, NO MAJESTOSO CONTÔRNO DE UM QUADRO TÃO CARO Á VISÃO DE TODOS NÓS, A VIDA FUTURA DA NAÇÃO.

AS SAUDAÇÕES, POIS, QUE TENHO A HONRA DE VOS TRAZER, ENVOLVEM A SEGURANÇA DE QUE EM CADA UM DE VÓS HÁ UM VALOR POTENCIAL, HÁ UMA ENERGIA CONCIENTE, HÁ UMA FORMAÇÃO HUMANA, HÁ UM PEDAÇO DO BRASIL FORTALECIDO NA CULTURA E NA EXPRESSÃO DE SUA GENTE."

EDUCANDO

Sob os auspícios da ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES PRIMARIOS DE M. GERAIS

ANO II | SETEMBRO | NUM. 14

EXPEDIENTE

Direção e Redação

Marieta Leite

Gerência:

Leonilda Montandon
Zembla Pinheiro Chagas

Colaboradores diversos

Revista de orientação técnico-pedagógica

Assinatura - - - - - 24$000
Assinatura especial para sócios da Associação - - - - 18$000
Número avulso - - - 2$500

Redação:
Rua Rio de Janeiro, 1278
Tel. 2-7993 - Belo Horizonte

SUMÁRIO

NA SEMANA DA PÁTRIA — (Palavras do Dr. Cristiano Machado 197

A IGREJA E A EDUCAÇÃO — Leonilda Montandon 199

SÔBRE O ENSINO DA HISTÓRIA — *Uma carta a EDUCANDO* — Zélia Gomes de Almeida . . 203

QUESTÕES DE PORTUGUÊS — *Língua Pátria* — J. Lourenço de Oliveira 205

AS BIOGRAFIAS NAS ESCOLAS — *Edison* . . . 209

O VAGALUME 220

CANTIGA 221

CLUBES AGRÍCOLAS — *Campanha contra a sub-alimentação* — H. Marques Lisboa 213

BIBLIOGRAFIA — Alaide Lisboa de Oliveira . 222

UMA EXPERIÊNCIA PROVEITOSA — L. M. . . 225

MENORES ABANDONADOS 231

UMA HISTÓRIA 232

NO PAÍS ONDE NÃO HAVIA GATOS — (*tradução*) 234

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO PEDAGÓGICO 238

CONCURSO PERMANENTE DE "EDUCANDO" . 239

IMPRESSA NA

GRAFICA QUEIROZ BREYNER LTDA.
AVENIDA AFONSO PENA, 351 - BELO HORIZONTE

A IGREJA E A EDUCAÇÃO

Leonilda MONTANDON

De todas as instituições sociais, nenhuma tem exercido maior influência sôbre a educação que a Igreja.

Desde os primeiros tempos do cristianismo essa influência se fez sentir benéfica e muitas vezes exclusiva na educação do povo. Isso porque nos seus princípios eternos e humanos se veem plasmando, na sucessão dos séculos a evolução social e educativa dos povos.

A própria prègação evangélica ordenada pelo Divino Mestre: "Ide e ensinai em todas as Nações", determinou claramente o direito que a Igreja tem de zelar pela formação integral de seus filhos. E assim vem ela procedendo em todas as épocas e em todos os lugares. Os séculos teem testemunhado que onde quer que se levante um templo aí também se cream e florescem escolas sob o norteamento e a influência da moral cristã.

Percorramos as páginas da História. Esta, que é na expressão de Cícero a mestra da vida, a testemunha dos tempos e a luz da verdade social, nos ensina que, desde o 2.º século da éra cristã, a Igreja tem animado a creação de escolas. Os catecumenatos, as escolas de retórica e gramática, as escolas episcopais e catequéticas o testemunham.

No século V, após a invasão dos bárbaros na Europa, foram os seus mosteiros que se abriram para recolher as obras de arte da antiguidade clássica e os restos da instrução e da Ciência. A' sombra de seus cláustros organizaram-se cursos de estudo, redigiram-se os anais e crônicas que serviram de base à História; cultivaram-se e desenvolveram-se as Ciências e as Letras.

Não parou aí o seu zêlo pelo aumento do aptrimônio intelectual da humanidade. Vemos em todos êsses séculos de sua existência as figuras notáveis de muitos de seus papas, como Nicoláu V, Pio II, Paulo III, Gregório XIII, Sixto V, Urbano VIII, Bento XIV, Leão XIII, que animaram e protegeram o movimento científico e literário no mundo inteiro. Também no campo das Belas-Artes não foi menos significativo o seu interêsse. Basta-nos citar os seus belíssimos monumentos, as suas majestosas catedrais com seus "frescos" maravilhosos, e suas esculturas admiráveis, inspirados no sentimento cristão que dominava um Leonardo da Vinci, um Miguel Angelo, um Rafael, um Fra-Bartolomeu e tantos outros que seria longo e até impossível enumerar na grande e extraordinária galeria dos notáveis vultos da mentalidade cristã.

Vejamos agora a solicitude da Igreja para com a instrução.

Até o século XII somente a Igreja se ocupou das cousas de ensino. Junto às catedrais ergueram-se as escolas monásticas onde se cuidava não só da formação de sacerdotes, mas ainda da educação dos seculares.

Áqueles que afirmam ter a Igreja só cuidado da preparação de clérigos fomentando a ignorância, lembramos o expressivo decreto de Teodulfo, bispo de Orleans no século VIII: "Os sacerdotes mantenham escolas nas aldeias e campos e se qualquer dos fieis lhes quiser confiar os seus filhos para aprender as

letras, não se recusem a recebê-los e nem por isso exijam salário ou recebam recompensa alguma."

Adotado êsse decreto, palavra por palavra nos regulamentos eclesiásticos e concílios da época, o ensino popular difundiu-se intensamente por toda a parte, atingindo, na Idade Média, o seu maior desenvolvimento. Tanto assim que devido o número cada vez maior das escolas monásticas, a extensão dos estudos filosóficos e teológicos, e a condição mesmo da sociedade, organizaram-se as primeiras universidades, surgidas sob a influência da Igreja, não se podendo negar que tal constitua uma verdade histórica.

Entretanto o advento da Renascença e a revolução havida no seio da Igreja pela Reforma, vieram convulsionar profundamente a vida religiosa, moral e econômica, desorganizando tudo o que se construira em matéria de ensino, passando êste para o domínio do Estado.

As reconstruções sociais, educativas e econômicas renascem e florescem sempre das ruinas, o que vale dizer na frase de Latino Coelho: "que as ruinas e revoluções são escolas de moralidade."

A Igreja, pois, reagiu contra as influências destruidoras de seus inimigos e desenvolveu, ainda mais, o seu zêlo, renovando o seu ensino, multiplicando escolas. Data de então o aparecimento das congregações ensinantes por toda a Europa, cristianizando os métodos usados pelos humanistas da Renascença. Dentre essas congregações destaca-se pela sua poderosa influência e reputação a Companhia de Jesus que até o século XIX centralizou, pràticamente, o ensino Superior e Secundário, ficando a educação elementar a cargo das outras congregações religiosas.

A propósito cumpre-me destacar aquí, a poderosa e definitiva atuação dos Jesuitas no Brasil, vindos com os primeiros governadores gerais.

Êles, Anchieta, Nóbrega, Navarro, Luís da Gran, Leonardo Nunes e tantos outros como mais tarde Vieira, abnegados, cultos, cheios daquela bravura física e moral que distingue os heróis, tendo diante dos olhos as linhas extensíssimas do nosso litoral e o misterioso e bravío mundo das selvas brasileiras, aquí iniciaram, como precursores iluminados de uma civilização, a propaganda e os labores fecundos do ensino, abrindo e implantando as primeiras escolas brasileiras sob o influxo da filosofia cristã, outras tantas sementeiras seculares para a construção de uma nacionalidade.

Quando o ensino religioso foi banido das escolas pelos decretos de Pombal e mais tarde pela constituição de 1891, êsse povo, cujo espírito se vinha formando ao calor das virtudes evangélicas, soube defender o patrimônio de fé que lhes deixaram os jesuitas.

Agindo sempre com sabedoria e clarividência soube a Igreja brasileira enfrentar a situação naquelas diferentes épocas. Firme nos seus princípios, prudente nos seus atos, respeitou sempre as leis do país, sem transigir nunca com o êrro, nem deixar brecha aos embates da impiedade e aos arremeços da falsa Ciência. Defendendo com altivez e denodo os seus direitos, trabalhando incessantemente pela volta da instrução religiosa nas nossas escolas, viu satisfeitas, em parte, as suas legítimas aspirações, quando o Govêrno Provisório em decreto de Abril de 1931,

dava ao ensino religioso um lugar nas escolas públicas nacionais, decreto êste mantido nas constituições de 1934 e 1937.

E assim, de conquista em conquista, acompanhando o rítmo de progresso que arrebata todos os ramos da atividade humana, vem a Igreja de Cristo cumprindo a sua missão redentora: a salvação das almas.

Na Escola, na Familia, na sociedade em geral, a sua influência educativa se faz sentir discreta, vigilante, contínua, firme e edificante.

Na Escola, combatendo os exageros de certas teorias e os êrros de princípios materialistas que desvirtuam as elevadas finalidades da educação, traça rumos seguros nesse oceano de dúvidas e incoerências em que se debate o professor moderno. Ao lado dos pedagogos e psicólogos materialistas erguem-se valorosos e não menos conhecedores do assunto, notáveis psicólogos, filósofos, educadores católicos, como Dupanloup, Spalding, De Hovre, Mercier, Foerster, Newman, D. Bosco, etc., etc., pioneiros da moral cristã, que teem servido de coluna mestra a todos os fundamentos e princípios de educação.

Na Família — é onde a ação da Igreja se revela mais eficaz e transcendental pois é aí que a educação se processa num ambiente real, através de exemplos e de estímulos sadios que garantam a união dos pais e filhos. Por isso a Igreja se bate pela permanência dos filhos em casa durante o maior período possível: desaprova a desagregação da família pelos excessos de vida social e objetivos econômicos; orienta os pais na educação da prole e combate com rigor o divórcio. (Ver a encíclica de Pio XI sôbre o matrimônio cristão: "Casti Connubii").

Na Sociedade — enfim, tem sido a Igreja o fator preponderante na formação da estrutura social dos povos. Reformando a sociedade pagã, modificando os costumes dos povos bárbaros, corrigindo as instituições políticas, num trabalho incessante e difícil que durou séculos e séculos, a Igreja é dígna da veneração de todos os povos cultos que hoje se beneficiam da civilização cristã, civilização que, libertando os escravos, protegendo os pobres e infelizes, rehabilitando o trabalho e o operário, dignificando a família, veio trazer à humanidade, a ordem, a paz, a alegria e a felicidade.

Graças aos seus ensinamentos modificou-se a conduta humana, desenvolvendo-se os sentimentos de fraternidade e justiça e estreitando-se as relações entre os povos.

No trabalho incessante de aperfeiçoamento do homem tem a Igreja lançado mãos de todos os meios capazes de atrair as almas. A palavra dos apóstolos o exemplo dos mártires foram no paganismo armas eficientes que trouxeram ao cristianismo milhares e milhares de adeptos. Também os povos bárbaros se renderam à doutrina do perdão e do amor. Para converter aquelas almas rudes e sanguinárias creou a Igreja diversas instituições que as interessar pudessem. A Cavalaria, as Tréguas de Deus, o "Direito de Asilo" e outras mais, demonstram o espírito ativo dos métodos cristãos...

E que diremos das suas encíclicas, verdadeiros mananciais de sabedoria, onde a humanidade tem haurido preciosos ensinamentos e regras

de conduta para seu aperfeiçoamento social?

Citemos aquí apenas a "Divini Ilius Magistri" de Pio XI e a já tão celebre "Rerum Novarum" de 1891. Na primeira, encontramos bases seguras para a educação da mocidade cristã e na segunda, Leão XIII condensou toda uma doutrina social que logrou abalar o mundo inteiro, constituindo um admirável programa para as relações entre patrões e operários, estabelecendo os deveres e direitos de cada um, conforme os princípios da justiça e da caridade evangélica. A êsse difícil problema que nem o individualismo exagerado, nem o socialismo extremista e nem qualquer outra corrente política conseguiram resolver, Leão XIII deu uma solução segura, única talvez para a garantia da paz universal.

Entretanto, esquecidos dos ensinamentos da Igreja, surdos aos seus apelos, os homens procuram a sua própria ruína, arrastando na voragem dos seus desmandos, a família, a sociedade, a religião, sob o pretexto de que tudo deve se subordinar aos interêsses da Nação.

Sacrificados por êsse patriotismo cruel, estão sendo, na luta que ensanguenta a Europa, os sentimentos da natureza, o direito, a justiça e a moral.

Todo êsse patrimônio de cultura que os séculos viram acumular, está hoje abalado no mais profundo de seus alicerces. A guerra nada perdoa.

"Os homens afastando-se de Cristo encontraram a morte!"

E é o que assistimos, estarrecidos, dessa parte abençoada do mundo, onde a paz não foi ainda violada, onde as leis de Cristo são obedecidas e amadas.

Jamais a humanidade careceu tanto dos socorros de Deus!

Jamais a ação da sua Igreja se fez sentir mais necessária e oportuna!

Que ela possa, ainda desta vez, fazer ouvir bem alto a sua voz no inferno imenso em que sossobra a Europa, levantando-a dêsse oceano de sangue em que se afoga e trazendo-a purificada, redimida ao Deus misericordioso que ela desprezou e esqueceu!

ERA UMA VEZ...

Redação: - Avenida Cristovão Colombo, 92

BELO HORIZONTE

ASSINATURA ANUAL . . . . 24$000

A Revista encantadora que Vovô Felicio criou para auxilio ao professor primário, apôio aos pais e delicia da criança brasileira.

Sôbre o ensino de história

Uma Carta a "Educando"

Zélia Gomes de ALMEIDA

Sensibilizada pela gentileza de seu amistoso cumprimento aquí estou para lh'o agradecer. Folheei com atenção suas primorosas páginas e li cada um dos artigos, apreciando-lhes a forma e o fundo. De início me detive ante o n.º 12 ao alto da página, marco assinalador de sua "primeira vitória efetiva". Sentí-me orgulhosa de seu triunfo, eu, que apenas de nome o conhecia! Formulei, então, votos pela continuação de sua carreira vitoriosa e cumprimento por seu intermédio àqueles que teem cooperado pela sua condígna apresentação.

Atendendo a seu muito honroso apêlo procurarei, na medida de minhas fôrças, levar-lhe modesta colaboração.

Há cêrca de um decênio venho me dedicando, com muito carinho, ao estudo da História da Civilização. Faço-o com entusiasmo, não imitando o avarento, que guarda, só para sí, o fruto de seu trabalho. Longe disso! Procuro repartí-lo, à mão cheia, por minhas prezadas alunas do curso de Aplicação da Escola Normal, tentando acender-lhes no espírito uma centelha de amor por essa disciplina, ao pintar-lhes, em côres belas, o que há de sedutor no estudo da História. Tenho conseguido meu objetivo? Eis a pergunta que me costumo fazer. Lançando um olhar retrospectivo às turmas que tenho lecionado, ouso afirmar haver, dentro das possibilidades da época atingido esta parte mínima de meu objetivo. Não é esta afirmativa um produto, apenas, de um espírito otimista, mas o resultado da observação feita através do convívio com as alunas. Sinto-lhes o entusiasmo pela expontaneidade com que me trazem informações a respeito do assunto das aulas: revistas, recorte de jornais, pensamentos, livros, fotografias, mapas, tudo revelando que a aula não morreu dentro das 4 paredes da sala. E mostro-me satisfeita, ouço-lhes a opinião, comento-as, enfim, estimulo-as. E êsse intercâmbio quebra a monotonia da aula e aviva os espíritos mais tímidos.

Ultimamente o nosso govêrno, numa sábia medida, vem pedindo que se incentive o estudo de História Pátria. Não tenho encontrado muita facilidade porque isto acarreta aumento de trabalho e de atividade. Contudo, como diz o grande Claparède, que devemos levar os alunos a fazer não o que querem, mas a querer o que devem, insistí e noto que já se identificaram com a idéia de uma dedicação maior ao que diz respeito à nossa Pátria. Aliás a Escola deve, naturalmente, acompanhar o rítmo da sociedade, e se estamos vivendo o momento em que o nacionalismo está em cena, porque não aproveitar a oportunidade para despertar em nossas alunas o amor pelo que é nos-

so? Por que deixar passar o momento? "Deve-se malhar o ferro enquanto está quente". Falemos do Brasil, de suas possibilidades, de sua história, de seus homens, que encontraremos eco no coração de nossa juventude.

Fiquei satisfeita, há dias, com o convite da classe para assistir a uma reunião das turmas do Aplicação. Teria lugar um debate sôbre Rousseau. Foi um certame interessante, sob a forma de juri. Presidiu-a o diretor da Escola — Dr. Tabajara Pedroso. Aberta a sessão foi sorteado o corpo de jurados. Dada a palavra à aluna Amália de Menezes, antecipadamente sorteada para se encarregar da acusação, levantou-se e falou 10 minutos sobre Rousseau, atacando-lhe os pontos fracos de sua vida e de suas teorias pedagógicas. Aluna estudiosa, inteligente, fez uma bonita acusação documentada. Retrucou a aluna Maria da Conceição Xavier, encarregada de defesa. O seu papel é muito mais simpático e muito mais suave. Fê-lo com entusiasmo e calor; para justificar as falhas de caráter do filósofo apelou para a sua orfandade, que o privara do apôio materno, na sua formação moral. Houve 5 minutos de réplica. Então o presidente formulou os quesitos e o juri absolveu Rousseau da pecha de máu cidadão e de péssimo educador. Encerrando a sessão o Diretor dirigiu palavras de elogio ao trabalho realizado pelas alunas.

Para o próximo debate já me comunicaram que o assunto escolhido foi tirado de nossa história — Tiradentes em face da Inconfidência Mineira.

E assim, EDUCANDO, se interessar a seus leitores, poderemos, uma vez por outra, palestrar através de suas colunas.

Muito obrigada pela sua atenção. Cumprimentos.

ESCOLARES !

FAÇAM SUAS COMPRAS NA CASA QUE, ALÉM DE OFERECER OS MELHORES PREÇOS DA PRAÇA, POSSUE O MAIOR ESTOQUE DE ARTIGOS DE PAPELARIA E LIVRARIA DO ESTADO DE MINAS.

OLIVEIRA, COSTA & CIA.

FUNDADA EM 1886

AV. AFONSO PENA, 1050 — FONES, 2 - 1607 e 2 - 3016

CAIXA POSTAL, 14 - BELO HORIZONTE

QUESTÕES DE PORTUGUÊS

J. Lourenço de OLIVEIRA

Língua Pátria

Em setembro do ano passado, comemorando nossa revista, com um número especial, a SEMANA DA PÁTRIA, aquí escrevíamos a respeito da língua, que alguns nacionalizantes querem batizar de *língua brasileira*, num explicável impulso de muito sentimento e pouca razão.

Meditaremos um pouco sôbre o tema, agora que voltou a SEMANA DA PÁTRIA, como a primavera volta ao ano, e, também como a primavera, sempre nova para os corações brasileiros.

Foi durante a Segunda República, depois de 1930, que se intensificou o movimento da *língua brasileira*.

Em 1935, a exemplo do que se fizera no Distrito Federal, quís o poder legislativo impor o nome, oficialmente.

E a matéria continua inquietando algumas inteligências de nossa geração.

Entretanto, não há razões glotológicas que fundamentem uma individuação. Nossa língua é essencialmente a mesma de Portugal, tratada segundo as variantes que traz o tempo e o espaço.

Nem as mesmas fronteiras, do mesmo povo, preservam destas alterações, quanto mais fronteiras transpostas e de outra nacionalidade!

O desgarramento regional e diacrônico (através do tempo) de uma língua é que forma os dialetos. E se o dialeto se diverte muito do leito comum, acaba tão diferenciado que uma simples visada lhe discrimina particularidades substanciais e lhe reconhece a justiça de uma outra denominação, como língua.

Para as línguas românicas, foi assim com o latim. Na Itália, na França e na Ibéria, dentro do espaço e dentro dos séculos, assim foi êle peculiarizando-se que acumulou as características que são hoje da língua italiana, francesa, espanhola e portuguesa.

Ora, o idioma que para aquí trouxeram os colonizadores ainda não teve tempo de acervar qualidades que o distanciem da fonte em distância que lhe valha outro nome.

* * *

Em Portugal, que é um cantinho da Europa, menor do que Pernambuco, a língua encerra diferenças dialetais em tão pequeno espaço como o que vai do Minho ao Algarve. São os dialetos "interamnense", "transmontano", "beirão" e "meridional".

A dialetação nasce das alterantes sincrônicas ou topográficas — mudanças regionais consideradas contemporâneamente — em conjugação com as alterações diacrônicas, ou mudanças locais ao longo do tempo.

Entre nossos irmãos de além-mar, o português que se lê na imprensa de hoje não é o mesmo que se lia na imprensa de há um século ou dois. E o linguajar dos atuais Aquilino Ribeiro ou Manuel Ribeiro, apresentando jeitos, torneios e preferências que são de hoje, relegaram já alguns outros que foram de Camilo ou Garrett, Luiz de Sousa ou Bernardes.

Entre nós, o português de hoje não é o da Abolição e aquele diferia do da Independência.

Eduardo Frieiro ou Tristão de Ataíde já não escrevem como Alencar ou Macedo, nem, muito menos, como o autor das REFLEXÕES SÔBRE A VAIDADE DOS HOMENS — Matias Aires Ramos da Silva de Eça, escritor brasileiro do século dezoito.

Entretanto, nossa recente individualidade política ainda não nos deu tempo de transformar, até o fazer outro, o nosso idioma. A língua ainda é aquela que a um brasileiro de gôsto ufana chamar de "a língua de Camões".

* * *

— Por onde não seria portuguesa, mais, a língua que falamos? Acaso pelo vocabulário, tão enriquecido de "brasileirismos"?

— Muito cresceu o nosso dicionário, com a fixação, léxica ou apenas vulgar, de amerindianismos, africanismos, peregrinismos, enfim. Muito fermenta, entre nós, esta moderna, desgovernada e barbarizante infiltração de francesias e ianquismos.

Não chega, porém, não é medida bastante para uma discriminação linguística, o critério do fornecimento vocabular.

Nossas línguas ocidentais carreiam, de um para outro país, um vasto catálogo de idéias — patrimônio de uma civilização comum. Estão lastreados, os dicionários delas, com uma grande substância internacional, herança romano-grega, mediterrânea, porque greco-romana é esta nossa civilização que ora se bate numa luta de promessas inquietantes para o mundo.

Nas línguas românicas, o latim representa cêrca de oitenta-por-cento do vocabulário — enorme fundo comum de reserva.

O vocabulário inglês compõe-se com mais de cincoenta-por-cento de palavras latinas. E nem com isso ficou neo-latino aquele idioma germânico!

A língua de Camões tem, lá, muitos vocábulos que não vieram para o Brasil, e tem, aquí, muitos mais, que não foram para Portugal. Também dos que aquí e lá circulam, alguns mudaram de sentido, perdendo o que era comum aos dois lados do Atlântico. Mas nem por isto é outra a língua! Com um dicionário de brasileirismos, escreverá um português, sem sentir que esteja escrevendo em língua diferente, senão na mesma, enriquecida de outras idéias ou de sinônimos para as mesmas idéias.

Êsse deve ter sido o caso de FERREIRA DE CASTRO, ao escrever o notável romance A SELVA, de ambiente amazônico.

* * *

— E se estivessem na pronúncia os elementos da discriminação suficiente?

— A prosódia brasileira está cheia de matizes nitidamente diversos dos que tonalizam a pronúncia lusitana. Pode sentí-lo qualquer um. Mas qualquer um sente também que é apenas uma *pronúncia diferente* das mesmas palavras, da *mesma língua*.

A dicção lusitana, hoje, difere da que devia ser a de Camões, como o sotaque minhoto, agora, difere do algárvio, por exemplo.

No Brasil, o cearense ou o mineiro, o gaúcho ou o carioca, fàcilmente se identificam, para um ouvido experimentado.

O clima, a vida diferente, a contribuição imigrante e outras eficiências, impalpáveis, teem extremado, no modo de proferir os mesmos vocábulos, a dois povos que se exprimem na mesma língua.

Diremos logo que êsse distanciamento prosódico ainda acabará na cissiparidade inevitável da língua comum. O movimento tem dois sentidos: aquele em que marcha a nossa ortoepia e aquele em que se dirige a portuguesa, afastando-se, ambas, do ponto comum, para a posição individuante, que acabará discriminando duas línguas.

Por ora, a diferença pode facilmente reduzir-se ao denominador comum.

O idioma castelhano é tão vizinho do português que, um pelo outro, ambos se entendem à primeira vista; mas bem se percebe que são duas línguas.

Afinal, misturando argumentos, o português lê de um jeito e o brasileiro de outro; mas Eça de Queiroz aquí ou Machado de Assis, além, ambos são sentidos e entendidos como autores da mesma língua.

O português pronuncia — *p'rú, p'lutão, hirói, bãi* — ... mas escreve "perú", pelotão", "herói", "bem"...

Quanto a nós, dirão êles que escrevemos "perú", "pelotão", "herói", "bem"... apesar de pronunciarmos — *"perú", "pelotão", herói", "bem"*.

A fala é brasileira, mas a língua ainda é a portuguesa.

Um estudioso de fenômenos glotológicos para logo notará que nossa língua está em fermentação.

Se apresenta algumas notas claramente contornadas, o que ela encerra, no conjunto, são vivas promessas de uma língua realmente brasileira.

A meu ver, três fôrças atuam no sentido da transformação: (1) a vulgarização cultural, (2) a contribuição imigratória e (3) a ambiência cósmica moderna.

São três fôrças hodiernas; a última, puro século vinte.

1. VULGARIZAÇÃO CULTURAL. Tôda língua civilizada vive no equílibrio ou coexistência de duas expressões: a plebéia e a literária, a dos eruditos e a do povo.

Uma é espontânea, instintiva, rotineira, rude, desgovernada, profunda — massa do que se chama "o vernáculo".

A outra é conciente, buscada, estèticamente variada, regida de cânones que lhe busca impor a cultura.

Ora, a democratização da cultura — realidade de nossos dias — abriu vasta circulação para a linguagem literária, a linguagem dos livros, di-

minuindo a distância entre o que caracteriza o linguajar plebeu e o letrado. E a língua, assim divulgada, perde em *intensão* o que ganha em *extensão*.

No dia em que a doutrina das massas alcançar, entre nós, o índice de altura que já atingiu em países como os Estados Unidos, a Alemanha, o Japão, a fôrça transformadora da vulgarzação cultural atuará mais viva e clara, encaminhando a língua para a sua clara e viva individuação.

Disseminada a cultura brasileira, com seu ambiente, sua modalidade, suas tendências, a língua, veículo, sentirá, cada vez mais definida, a influência reativa do número crescente dos indivíduos em que ela ou que nela vivam.

2. CONTRIBUIÇÃO IMIGRATÓRIA. Não carece explicada a contribuição imigrante para a língua que há de ser a brasileira.

O elemento germânico, eslavo, itálico, sírio e até japonês, está enchendo, dia a dia, o "melting-pot" glotológico de que sairá, caldeada e cardada, a língua nacional.

3. AMBIÊNCIA CÓSMICA. E' uma realidade do século vinte, a ambiência cósmica em que vivemos.

O homem de hoje tem o mundo inteiro junto de si e sabe o que se passa no universo, pela omnipresença, pela ubiquidade, que a técnica moderna facilitou.

O rádio, o cinematógrafo, o telégrafo, puseram tôdas as cousas diante de tôdas as pessôas.

O homem não vive mais, como outrora, fechado dentro do seu ambiente, do núcleo social de que é célula: seu meio é o mundo, num convívio que o impressiona a cada hora.

E essa intromissão universal pela vida a dentro, de cada povo, influe constantemente nos seus meios de expressão, na sua língua.

Essa influência é maior sôbre os povos de civilização parasitária, cujo aparelhamento mecânico, cujo fornecimento técnico, cujo equipamento científico é todo recebido de fora. O que vem do estrangeiro, traz um nome que fàcilmente se arrola, como cabedal imposto, entre os valores da língua.

Esta vida moderna, onde é espetáculo para o homem, não os episódios do seu clã, porém os acontecimentos universais; essa contribuição migratória, que irá adensando a nossa demografia; aquela disseminação da cultura democratizada, cujo índice melhora com os anos — tudo isto são fôrças que irão progressivamente resolvendo uma língua que é nossa e também portuguesa; i-la-ão refundindo, retorneando, reamoldando, reformando, até que nos urja a *língua brasileira*, não por decreto, mas por significação de suas características, pelo sentido de sua "personalidade".

NOTA — *Consultas para esta Redação*.

AS BIOGRAFIAS NAS ESCOLAS

(COLABORAÇÃO DA CADEIRA DE METODOLOGIA DAS CIENCIAS NATURAIS, GEOGRAFIA E HISTORIA DA ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO

Ninguém põe em dúvida o valor educativo das biografias. Pedagogos e professores, não só de hoje, como de ontem, reconhecem o valor do exemplo de uma vida real, bem vivida no sentido de realizações bemfazejas à Pátria, à Humanidade, à Ciência, à Religião ou à Arte.

O nosso "Programa em Experiência" também as preconiza, acompanhando a determinação com uma lista sugestiva de nomes dígnos de serem conhecidos por nossos escolares.

O que nos falta precisar um pouco mais é o processo de apresentar aquelas vidas à consideração da criança, abrindo caminho até a sua admiração, o seu julgamento, o seu desejo de imitar.

As biografias esquemáticas, com a menção inicial das datas do nascimento e morte e enumeração sêca de fatos principais, tomando, tudo, uma ou meia página de um livro, constituem pobre material educativo. Não falam à imaginação nem ao sentimento do aluno. Valem, apenas, como resumo de informações, triste consequência para o que pretende ser estímulo e padrão às fôrças mais nobres do espírito da juventude. Elas se baseiam no pensamento falso de que biografia é qualquer cousa a ser apenas *aprendida* e *guardada na memória* do educando.

Rejeitada esta falsa idéia, as biografias aparecem na escola como a evocação dinâmica e rica de uma vida, evocação total que lembra não só os altos feitos, mas também os pequeninos nadas, tão humanos e tão característicos, às vezes, das grandes personalidades. E assim tomadas, as biografias de grandes homens, ou constituem volumes a serem lidos por crianças ou para crianças, ou formam grandes e lindas histórias a serem contadas e ouvidas, as mais das vezes com o mesmo interêsse dispensado às das Mil e uma noites. Nem por serem reais deixam de ter o seu lance de heroismo, de trágico, de humor, ou de simples e delicado sentimento. E é isto que é preciso levar à consideração do aluno.

Com a consulta a duas ou três fontes de informação, com uma boa seleção e organização de fatos, estamos, assim, de posse de uma "história" que contada à classe com dinamismo e graça, concorre para alegria de nossas aulas, formação do gôsto e do caráter de nossos alunos.

Com o sentido de orientar um trabalho nesse gênero, organizámos o plano seguinte que, aplicado por professoras-alunas da E. de Aperfeiçoamento deu origem, entre outros, ao trabalho que segue.

PLANO

1 — Aspectos da vida e da obra que mais se salientam.

2 — Traços predominantes do caráter: elementos da vida e obra demonstrativos da personalidade: atitudes tomadas, ações, realizações.

3 — Interêsse que a vida e a obra podem ter:

a) para crianças pequenas;

b) para crianças mais crescidas;

c) para adolescentes.

4 — Existe já a biografia escrita para crianças? (Nome da obra,

autor, edição; apreciação: se estão bem aproveitados os elementos, se em linguágem acessível).

5 — Fontes de informação consultáveis. Possível veracidade dessas fontes: autor, nome, edição, número da página.

TOMAS A. EDISON

Noemi Queiroz Teixeira e
Maria José Oliveira Vale

Aspectos de sua vida e obra que mais se salientam

Tomas Edison, durante tôda a sua vida, mostrou-se tão singular, e, desde criança, tão excepcional por suas idéias prematuras, que a sua vida se nos apresenta dígna de ser estudada sob todos os seus aspectos, desde o crescimento até a sua morte. Entretanto, podemos agrupar os fatos e ações de sua vida em 4 aspectos: Como criança — Como jovem — Como inventor — Como bemfeitor da humanidade. Cada um dêsses aspectos é rico em detalhes interessantíssimos.

Traços predominantes do seu caráter

1.º — Tenacidade, resistência física ao trabalho, demonstrada em 76 anos de atividade constante, sem esmorecimentos nem desânimo.

2.º — Amôr à leitura, um desejo imenso de saber. Todo o imenso cabedal de conhecimentos que chegou a alcançar, foi-lhe transmitido através, unicamente, da leitura.

3.º — O fundo insondável de paciência, que jamais o fez alterar o ânimo, mesmo quando suas experiências teimavam em fracassar. Foi essa uma das qualidades que mais contribuiram para o sucesso das suas invenções.

4.º — A jovialidade, o bom humor constante. Ninguém jámais o viu com a fisionomia alterada pelo máu humor, ainda quando os revezes eram de molde a transformar o gênio do mais equilibrado mortal.

5.º — A coragem, demonstrada heroicamente no salvamento do filho do Chefe da Estação Telegráfica, em perigo da própria vida.

6.º — O desprendimento, o desinterêsse pelo dinheiro, em sí. O fito de suas invenções não era a fortuna, tanto que tudo que êle ganhava era de novo posto ao serviço da ciência. Êle desejava, sobretudo, beneficiar à coletividade.

7.º — Espírito eminentemente prático, jámais cogitou de invenções que não se enquadrassem neste teôr: "máximo de utilidade — mínimo de custo".

8.º — A modéstia personificada, uma simplicidade encantadora. Tôdas as honras e glórias que lhe couberam não alteraram, em nada, o seu feitio simples, lhano e afável.

9.º — A honestidade, de que sempre deu sobejas provas, coroou sublimemente todos os seus atos de perfeito cidadão. Deixou de ganhar milhares de dólares para não infringir em pequeninos detalhes a propriedade alheia.

Suas atitudes, ações e realizações foram sempre norteadas por sua energia inquebrantável e pelas excelentes qualidades do seu caráter sem jaça, que fizeram dele não só o inventor privilegiado como o cidadão operoso e altamente propulsor do progresso de sua Pátria e do universo inteiro.

Interêsse que sua vida e obra podem ter:

1.º — Para crianças pequeninas.

— O seu gênio curioso e investigador. Episódios humorísticos de sua vida de criança: os ovos da pata, o remédio para voar. Edison baleiro, vendedor de amendoim. O jornalzinho. O incêndio no trem e o "trambolhão" que levou. O grande

amor por sua mãe. Sua paixão pela leitura e o polícia que o tomou por ladrão, por causa do embrulho dos livros. O "invento" de matar baratas na sala onde trabalhava. Alguns dos seus inventos mais conhecidos das crianças: lâmpada, vitrola, trem elétrico, cimento; aperfeiçoamentos: do telégrafo, telefone, cinema e máquina de escrever.

2.º — Para crianças crescidas.

— Os mesmos tópicos anteriormente enumerados, acrescidos de elementos que salientem os traços predominantes do seu caráter, tais como paciência em recomeçar tudo após um fracasso, sua persistência inabalável, sua operosidade infatigável. Sua simplicidade e modéstia sem par. Sua coragem em salvar o filho do Chefe da estação. Sua "letra bonita" que lhe valeu um emprêgo quando mais necessitado se achava. Sua meticulosidade, cuidado em anotar tôdas as fórmulas inventadas, tôdas as experiências que fazia e quanto isso lhe valeu para verse livre de pessoas pouco escrupulosas que lhe queriam tirar a primazia das idéias — Relatar o episódio do disco que reproduzia a voz cavernosa, prova de seu gênio gracejador e perene bom humor. Sua atividade constante desde os 11 até os 87 anos, data em que morreu e a gratidão que lhe consagra o mundo.

3.º — Para adolescentes.

A vida de Edison como incentivo para a juventude. Elementos demonstrativos de sua personalidade. Esquema: A infância. Devotamento filial. A Estrada de Ferro de Port Huron a Detroit, cenário de suas primeiras experiências. Um editor de 14 anos. O incêndio no trem. Sua triste consequência: a surdez de Edison. O jornalzinho crítico e suas desagradáveis recordações. O sono invencível. O amôr à leitura. Sua paciência e persistência contribuindo para seu maravilhoso sucesso. A escravidão ao relógio: Edison jamais a compreendeu, em se tratando de abandonar o serviço. O gênio absolutamente inventivo: o suplício do trabalho material mecânico, vasio de interêsse. Seus insucessos nos empregos e dificuldades advindas. Ensaios e êxitos. Magníficas invenções para o progresso universal. A glória e a fortuna. Condecorações tão numerosas como poucos homens alcançaram. Sua simplicidade e modéstia, que as altas honrarias nunca alteraram. Sua surdez e como êle suportava... Episódios interessantes devidos à sua distração, apanágio, aliás, dos grandes cientistas. O casamento do "Mágico de Menlo Park". A jovialidade através dos anos. O reflexo de sua personalidade em seus companheiros de trabalho. Excelente chefe, amigo e apôio dos seus subordinados. A vida simples do campo, como o atraía. Suas férias e excursões, seus mais caros companheiros. Sua biblioteca riquíssima, até hoje conservada, uma das mais vastas do mundo. Sua morte serena, embevecido a contemplar a "bela natureza" que o envolvia... A gratidão que lhe consagra o mundo, como preito a um dos maiores gênios do universo e benfeitor da humanidade.

Fontes para consulta:

Pierre Lamure — "Vida de Edison" — Tradução de Nestor da Silveira Chaves — Edições Cultura Brasileira S. A.

A presente obra, apesar de ser escrita em linguagem accessível, interessante, tocando apenas os pontos essenciais da vida de Edison, não está apropriada às crianças, pois até uma certa altura, a impres-

são que o autor faz ter de Edison não é das mais lisongeiras.

A obra de Pierre Lamure, espirituosa, interessantíssima, verdadeira, natural, sincera ao extremo, dá bem claramente a idéia do que foi a juventude de Edison, um mixto de desordem, de miséria inconciente, de inconstância e indisciplina nas atribuições que lhe competiam nos empregos. E, justamente por ter o autor pretendido dar um colorido tão vivo a essas deficiências da juventude, é que não nos parece apropriada ao conhecimento da criança, cujo espírito ainda falto de discernimento pode encontrar incentivo mais nos defeitos do que nas extraordinárias qualidades do nosso biografado.

A nosso ver, há inúmeros outros aspectos da vida de Edison que devem ser focalizados, sem referência prematura a êsses pequenos pontos escuros que não veem toldar a claridade que tão merecidamente aureola o nome do glorioso inventor.

Biografia de Edison incluida na "Coleção de biografias 5 Minutos", de Mário Martins.

E' interessante, com algumas considerações espirituosas. Notam-se certas divergências entre dados fornecidos por outros autores. Parecenos uma biografia mais no gênero popular.

Biografia de Edison, incluida na obra de F. Acquarone: "Os grandes bemfeitores da humanidade" — Irmãos Pongetti Editores — 1938 — pag. 191.

Excelente biografia, ampla, rica em detalhes interessantes. Linguágem accessível a crianças maiores, sendo de lamentar-se que venha escrita em ortografia antiga. Estão bem aproveitados os elementos de sua vida e obra e o autor soube dar o merecido relêvo à genial figura de Edison.

Francis Arthur Jones — "Thomas A. Edison" (sua vida e sua obra) — Editora Guanabara — Trad. Aurélio Pinheiro.

A obra de Francis Arthur Jones, como trabalho biográfico, nada deixa a desejar. Seu caráter é instrutivo, e sobretudo, educativo, e, através de suas páginas escritas com tanto sentimento, tanta delicadeza de expressões, o leitor sente-se tomado de uma admiração irrestrita pela figura inconfundível e genial de Edison.

Minuciosa ao extremo, sem se tornar de modo algum exhaustiva, justamente porque o autor intercalou com sábia habilidade as descrições dos inventos, fases dos mesmos, com a exposição tão clara de cenas interessantes, de que é sobejamente dotada a vida de Edison, reconhecemos um valor imenso à presente obra, que deveria ser lida por todos, como incentivo aos que lutam pela vida.

Entretanto, não está ao alcance das crianças, não só pelas descrições em que entram termos técnicos, necessários à explicação dos inventos, como também pelo sentido superior da obra de Francis A. Jones.

Quanto à possível veracidade dessas fontes, supomos que sejam merecedoras de crédito. Postas em confronto, observamos que há ligeiras divergências no tocante a detalhes de pequena importância.

Tomámos por padrão a obra de Francis A. Jones que nos pareceu fidedígna, visto ter sido editada ainda em vida do grande inventor e cujo autor teve a ventura de conhecer de perto e admirar a figura genial do nosso biografado.

CLUBES AGRÍCOLAS

(Campanha contra a sub-alimentação)

H. Marques LISBÔA

(continuação)

No inverno, nosso período de sêca, estudaremos todos os processos possíveis de IRRIGAÇÃO, fazendo desenhos dos vários métodos usados no Brasil, ou em outros países de clima sêco, cuidando principalmente do estudo das NORIAS, movidas pelo homem ou por animais de trabalho.

Se houver terreno disponível, pensaremos em uma pequena plantação de milho alternado com feijão, desde que o local seja fácil de se irrigar. Se não fôr possível pensar-se em plantação de milho, pensemos em flores, pelo menos plantadas em vasos. As flores provocam reflexos condicionados estimuladores do apetite.

Se alguma professora, pelo menos das muitas que teem praticado olericultura, quizer mandar-me conselhos e crítica muito agradecerei.

Insisto em canteiros artísticos porque, todos os que, sem se servirem de empregados, tentaram com os alunos, as plantações em longos canteiros CLÁSSICOS, tiveram de desistir, desanimados com as dificuldades. Proponho por isso canteiros Estrelados, Hexagonais, Poligonais ou Circulares, mas *artísticos*, *pequenos* e de *policultura*, teremos assim irrigação mais fácil e, quer como estudo, quer como alimentação, a variedade será de maiores vantagens. O feijão plantado junto com o quiabo servirá para que se fale nas *bactérias radicícolas* das leguminosas.

V — ANÁLISE BIOLÓGICA DA TERRA DOS CANTEIROS

a) PREPARO do caixote para análise.

A solução que me parece mais prática nesse sentido, é a aquisição de um caixote cujas dimensões se avisinhem de 80 por 40 e por 25 centímetros. Preguemos aos lados táboas da tampa, reforcemos o fundo da caixa, para que suportem muita terra molhada. Forremos ainda o fundo com jornal (ou papel de embrulho) com alguns furos para saída da água e deitemos sôbre êle pouco mais de dois terços do caixote, de terra já misturado com areia, na proporção de um de areia para dois ou três de terra, porque a nossa terra vermelha é muito compacta.

Com 5 tiras de papelão forte, ou melhor, com 4 táboas finas, façamos 5 divisões transversais, separando 6 COMPARTIMENTOS, contendo cada um mais ou menos a mesma quantidade de terra. Estaremos então aparelhados para analisar as carências de adubação do nosso terreno (Fig. 5). Podem-se fazer variantes e principalmente para dosagem dos adubos empregados.

As plantas além da ÁGUA e do GAZ CARBÔNICO do ar, precisam de sais minerais e de nitratos para fabricar os seus tecidos, isto é, para crescer e produzir; quando a ter-

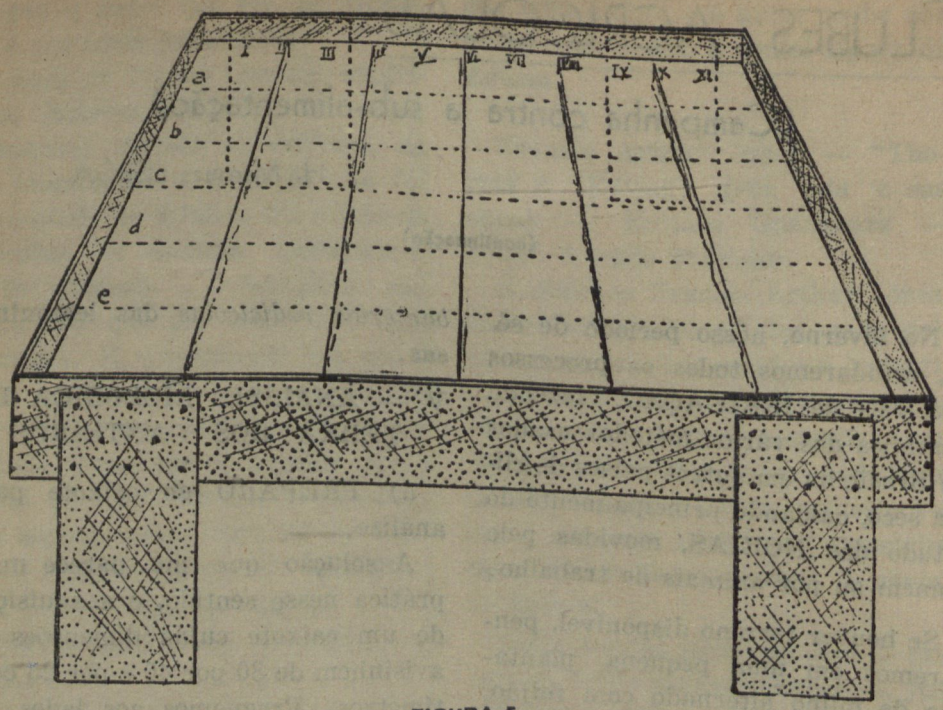

FIGURA 5

ra não os possue em quantidade sufifcientes, temos de acrescentá-los sob a forma de adubos.

b) ANÁLISE DA TERRA dos nossos canteiros.

Como saber quais os sais que faltam em nosso canteiro artístico?

Os processos rigorosos de análise das terras são inacessíveis a nós e aos operários, quer do campo, quer das cidades; podemos entretanto com o nosso caixote, dividido em 6 COMPARTIMENTOS, lançar mão de um *recurso biológico*.

Misturemos à terra:

do 1.º COMPARTIMENTO uma bôa pitada de ESTÊRCO de curral;

do 2.º uma colherinha de CINZA DE OSSOS queimados e pulverizados;

do 3.º duas colherinhas de CINZA DE FOGÃO, cinza de lenha;

do 4.º repetiremos o ESTÊRCO de curral;

do 5.º três colherinhas de cal e

no último, 1/3 de cada uma das quotas já empregadas de estêrco e cinzas.

Feito tudo isso reguemos de modo a bem humedecer toda a terra, mas de não a encharcar; *retiremos todas as tiras de papelão* ou as táboas e preparemo-nos para formar, por ligeira compressão, 5 sulcos longitudinais para as sementeiras de prova. Com uma vara do comprimento do caixote façamos 5 linhas paralelas (a, b, c, d, e,) mas por SIMPLES COMPRESSÃO e não riscando (Por que *não riscar?*).

Semeiam-se:

a) na primeira fila: 3 pequeninas sementes de cenouras, alinhadas perpendicularmente à fila, não só no meio das 6 faixas (ou compartimentos), como também nos encontros de cada uma delas entre si. (11 sementeiras) — 33 sementinhas).

b) na segunda, 3 sementes de couves, 11 vezes.

c) 3 sementes de tomates, 11 vezes.

d) 3 de quiabo liso, 11 vezes.

e) 3 de beringela roxa, ou de pimentões.

Quem preferir pode fazer sementeiras de outras hortaliças, mas de qualquer forma, pelo método que sugiro, teremos: 10 pesquisas sôbre as deficiências possíveis em nosso terreno, para cada uma das 5 hortaliças escolhidas e portanto 50 provas ao todo. (A 4.ª faixa é repetição).

1.º	ENC.	2.º	ENC.	3.º	ENC.	4.º	ENC.	5.º	ENC.	6.º
Compartimento		Compartimento		Compartimento		Compartimento		Compartimento		Compartimento
Estêrco de curral		Cinzas de Ossos		Cinzas de Madeira		Estêrco		Cal		Estêrco e as duas
Nitrato — N —	— N → — P → — Ca	Fosfatos — P — — Ca	— P → Ca — K →	Potásio — K —	— K → — N →	Nitrato — N —	CO_3	$CaCO_3$	P K N	N — K P — Ca

No fim de poucos dias veremos onde cada uma das 5 variedades de hortaliças se desenvolveu melhor e assim saberemos o que acrescentar em cada um dos trechos do nosso canteiro artístico e de policultura.

Êste processo presta-se mesmo para plantas cujo entrelaçamento das raizes pudesse trazer dúvidas, como o milho e o feijão: a fase inicial da vegetação é bem característica. Uma prova muito demorada de tais plantas deve ser buscada em potezinhos de barro, ou latas vasias de *petit-pois* ou outras. Serví-me para milho e feijão de 10 potes um pouco maiores, correspondendo aos *compartimentos*, alternando com 12, um pouco menores, estes com as misturas correspondentes às dos encontros de cada dois compartimentos (Fig. 66).

Êsse método de *análise prática das terras*, pode ser feito no próprio terreno que se quer plantar; basta que se divida um canteiro longo, de 2m. por ex., em tantas secções quantas sejam as provas desejadas e que se protejam as sementeiras contra os raios diretos do sol.

As crianças devem ser avisadas desde cêdo, que os vegetais crescem lentamente e que só no fim de um mês, poderão fazer a 1.ª colheita, a de *Rabanetes;* só no fim de 2 meses é que poderão conseguir *Cenouras* e que as outras colheitas virão do 3.º mês em diante.

VII — PORQUÊ OS ANIMAIS NÃO PRECISAM DE ADUBOS

A resposta me parece muito fácil, pois se tomarmos pedaços de ossos, etc., e se os colocarmos em um fogareiro de carvão, veremos que a princípio se carbonizarão e em seguida os pedaços carbonizados irão embranquecendo e poderão afinal ser socados e reduzidos a uma CINZA esbranquiçada, constituida por diversos SAIS, como por exemplo: os fosfatos (sob a fórma de fosfato de cálcio) e assim muitos outros. O nosso organismo precisa portanto, como os adubos químicos, sob a forma de PÍLULAS, bastaria beber

depois alguns copos de água e não precisariamos de hortaliças; mas, como só podemos aproveitar diretamente um pouquinho dos SAIS que existem na água potável e êsses não bastam, temos de buscar o que falta, *direta* ou *indiretamente*, nos vegetais. São principalmente as hortaliças que realizam o trabalho de concentrar para os animais, os SAIS da água e DOS ADUBOS e de fornecê-los para as nossas refeições, sob as formas agradáveis que as boas cozinheiras sabem dar aos vegetais crús ou cozidos. (Perdoem-me a linguagem finalista).

Mas os sócios dos Clubes Agrícolas poderão negar isso tudo, pensando nos PINGUINS, habitantes dos Polos, que não sabem o que sejam verduras; ou pensando nos URSOS BRANCOS, que também vivendo sôbre os gêlos, não encontram por lá nenhuma hortaliça e, se as encontrassem, não as comeriam.

Os meus amiguinhos não teem razão porque êles vão buscar os sais dos vegetais INDIRETAMENTE, isto é, os pinguins comem peixes, êstes comem o PLANCTON dos mares, que é formado por pequeninas plantas e animaizinhos que flutuam nos oceanos; os ursos brancos comem focas, e estas comem peixes que comeram PLANCTON. De sorte que direta, ou indiretamente, ou mesmo muito indiretamente, as plantas é que permitem aos animais o grande aproveitamento dos sais, êsses sais que as chuvas dissolvem nas terras, levam para os rios, para os lagos e finalmente para os mares; nós os aproveitamos, em *parte*, com a ÁGUA POTÁVEL e *muito* com as HORTALIÇAS.

Mas...

Os meninos que não gostam de couves e outras verduras, voltarão com um, outro MAS: NÃO BASTARIA QUE FIZÉSSEMOS COMO OS URSOS BRANCOS E AS FOCAS e que comêssemos êsses sais indiretamente, nos BIFES de boi ou nos lombos de porco?

Basta em parte, e bastará completamente desde que os meus amiguinhos voltem a imitar o homem primitivo, O NOSSO PELUDO ANCESTRAL, QUE MORAVA EM CAVERNAS; fazendo então como êles, isto é: dilacerando com os dentes caninos a carne crúa, arrancada aos animais recentemente abatidos; carne que era então devorada ainda quente e sagrando. Em nossos bifes bem passados, ou no lombo de porco bem torrado, faltam alguns elementos que o urso e a foca encontram na carne crúa, nas vísceras e no sangue ainda quente dos animais de que se nutrem. Nós substituimos essa selvageria por algumas verduras e frutas crúas, buscando ainda uma outra coisa, além dos sais minerais: as — VITAMINAS —.

Analisemos um pouco essa questão de saladas cruas ou frutas cruas, voltando aos Polos, não mais para observar a alimentação dos ursos brancos e das focas; mas para saber como se portavam OS ANTIGOS NAVEGANTES, quando tinham a pretenção de descobrir os Polos.

Êsses aventureiros ficavam muitas vezes encravados nos gelos e tinham de esperar quase um ano, até a entrada do verão, quando os gelos, fundindo-se, forneciam brechas para a passagem dos navios. Ora, durante quase 10 meses não podiam êles saborear hortaliças frescas, quer em saladas de alface, quer de tomate, de agrião ou outras; nem

tinham morangos, ou outras frutas frescas e, não querendo concorrer com os ursos ou com os pinguins, devoravando carne crua de focas ou de peixes, só se alimentavam de carnes, verduras e frutas CONSERVADAS EM LATAS.

LARANJA e LIMÃO — Sabem vocês o que acontece? O ESCORBUTO atacava os mais sensíveis; as gengivas lhes ficavam tumefeitas e hemorrágicas, o hálito fétido, os dentes caiam e o enfraquecimento geral levaria os homens ao desespero, se os médicos de bordo, previdentes, não tivessem escondido, em suas boticas uma fruta crua, que se conserva muito bem, o — LIMÃO —. Umas gotinhas desse fruto ácido em um copo de agua (com ou sem açucar) faziam uma limonada salvadora, desde que o doente não tivesse chegado a um estado desesperador. Há nas frutas cruas substâncias indispensáveis à nossa saúde — as VITAMINAS —; a do limão e da laranja, é a vitamina — C —, mas a fruta que é ainad mais rica é o CAJU'. Além do suco das frutas e de folhas de couve e outras verduras, existe, como poderiamos presumir, no suco de carne CRUA. Não resiste à fervura, quando o meio é alcalino, por isso falta no leite fervido em casa e é escassa no leite pasteurizado. As substâncias que podem ser cozidas em meio ácido, como limão por exemplo, conservam esta vitamina. Um dos sinais de deficiência da vitamina — C —, nas crranças nutridas *somente* com leite fervido, é a diarréia.

OUTRAS VITAMINAS — Quero ver se com pequeninos canteiros artísticos seduzo os pequeninos das zonas rurais, a procurarem algumas verduras, hortaliças e outras frutas como substitutos das carnes CRUAS e das frutas do mato: gabiroba, marmelada de cachorro e poucas outras, que elas usam, mas que não são bastante abundantes. Se queremos que em nossas zonas rurais haja gente forte e bem constituida, devemos dar-lhes também um pouco de MAMÃO, de CENOURAS, de TOMATES, etc, e outras substâncias ricas em VITAMINAS. Proponho por isso que se plante um MAMOEIRO ao lado de cada um dos nossos canteiros poligonais, além das 3 filas de CENOURAS e dos pés de tomates, etc. A carne crua deve ser condenada por causa das solitárias e cangiquinhas (*cisticercos*).

CENOURAS. O que vou contar agora não é história, mas um fato que extranhei, quando me foi referido. Um amigo meu, muito viajado, princpalmente pelos países do norte da Europa, inclusive a Suécia, disse que nessas paragens era frequente verem-se pessoas andando pelas ruas e comendo cenouras crúas. Que esquisitice, não é?

Essa gente faz entretanto muito bem, principalmente se for gente criança, pois há uma substância na cenoura (*carote* dos *franceses*), também no milho vermelho, no mamão, e na gema amarela do ovo; assim como no capim verde dos prados em que pastam as vacas e, por isso, existe tambem na manteiga amarela; existe no tomate, na couve, etc., e é ela um auxiliar do CRESCIMENTO das crianças e das reparações dos organismos já adultos: é a pró-vitamina — A —.

Felizmente para as crianças da roaç, existe no angú de milho amarelo (o *carateno*). Não se destróe pela cocção em panela fechada, ao

abrigo da oxidação. Só as gorduras animais é que contém a Vitamina — A —, não todas as de origem vegetal, Escudero regista-as nos óleos de amendoim, de coco e de algodão.

Como se póde saber que essa vitamina é de crescimento e reparação?

Alimentando-se animais em crescimento e reparação?

Alimentando-se animais em crescimento com leite desnatado (sem a manteiga amarela) deixarão êles de crescer; se entretanto, lhes dermos também: cenoura ou tomate, etc., êles continuarão a crescer. Um dos sinais de carência de Vitamina — A — é, por exemplo a dificuldade de acomodação crepuscular ou quando se entra na sala de projeções dos cinemas depois de iniciados os filmes.

PELÍCULA de ARROZ — Uma outra história interessante é a que se passou em um hospital de prisioneiros beribéricos no Extrêmo Oriente (Ilha de Java). O BERI-BERI é uma moléstia grave que a princípio ataca as pernas, muitas vezes inchando-as, e sempre perturbando o caminhar; o doente não póde levantar convenientemente as pernas e, ao andar, a ponta do pé, o grande artelho parece escavar o chão. Havia nesse hospital de beribéricos, nos princípios dêste século, um médico Holandês (Eijkman), que além de cuidar dos doentes, gastava de observar a criação das galinhas; estranhou que estas sofressem paralisias. As galinhas só comiam o arroz sem películo, usado pelos prisioneiros. O médico formulou a hipótese de ser necessária na alimentação do homem (e das galinhas) essa película, a qual conteria uma substância certamente indispensável ao SISTEMA NERVOSO.

Dando películo de arroz, ou de outros cereais, evita-se e cura-se a moléstia, desde que tais películas não sofram temperaturas muito elevadas. Essa substância, que se costuma chamar — VITAMINA B — encontra-se no envólucro do feijão, ervilha e outras leguminosas, no levedo de cerveja, na gema de ovo, no leite, etc. Não é propriamente uma substância, isso que os prisioneiros e as galinhas do hospital não tinham para comer, mas um complexo de várias vitaminas: B^1-B^2 (ou ainda mais) reunidas na cutícula do arroz. Posso repetir aquí que, felizmente para as crianças da roça, essa Vitamina existe no farelo de milho e portanto no angú de fubá grosso, que eles usam; para a gente da cidade ela está principalmente no miolo do pão quotidiano, pois não resiste a temperaturas muito elevadas.

Comecei por falar no limão, usado pelos médicos encravados nos gelos polares, com o fim de evitar o escorbuto, passei depois para a gente que come cenouras pelo meio da rua, o que é bom para o crescimento e finalmente tratei do médico dos beribéricos; cuidei portanto primeiramente da vitamina — C —, depois de — A — e finalmente da — B —, em vez de seguir na ordem — A — B C —; mas a Vitamina — C — parece merecer procedência: "Na verdade, a vitamina — C — parece ser o CENTRO DA CONSTELAÇÃO VITAMÍNICA, o elemento indispensável, sem o qual as demais vitaminas não podem desenvolver plenamente as suas atividades biológicas. Não julgo exagerado dizer que a vitamina — C — está para as outras vitaminas, como a HIPÓ-

FISE está para as demais GLANDULAS ENDÓCRINICAS". (Thomaz Mariante).

Vou endireitar agora a série das 4 principais vitaminas, isto é, vou falar da Vtamina — D —, daquela que cuda dos nossos ossos.

RAIOS SOLARES — A vitamina — D — ou anti-raquítica, encontra-se em abundância no óleo de fígado de bacalháu e de outros peixes e também no leite das vacas que *pastam ao sol* e na gordura das pessôas *que apanham sol*. Ora as crianças devem brincar ao sol com o busto nú. Os raios benéficos do sol, (mesmo para os adultos) desde que dele não abusem nas horas mais quentes do dia, substituirão o óleo de fígado de bacalháu; as crianças devem trabalhar em seus canteiros artísticos com o peito e as costas ao sol da manhã, ou da tarde, para assim evitarem o aspecto mofino, ou o raquitismo.

Responderei a todas as consultas que me forem dirigidas com relação aos assuntos dêste artigo e agradecerei as críticas e os conselhos.

Quadro de VITAMINAS

Accessíveis a gente rural

FATOR DE CRESCIMENTO Frágil em presença de O_2	FATOR DE APETITE B_1 — Sensível a altas temperaturas		B_2 — Resiste à cocção	FATOR DE SAÚDE Frágil em meio alcalino
PROVITAMINAS	(1)	Tomate crú	(1)	Cajú, mamão,
Mamão, melancia	(1)	Cebola crúa	(1)	Suco de laranja lima
Cenoura, couve, tomate . .	(2)	Milho amarelo	(1)	ou de outras laranjas
Cebola, milho amarelo . .	(1)	Couve à mineira	(2)	Limão doce
Pimentão vermelho	(2)	Cenoura crua	(1)	Limão azedo
Vagens, Batata doce . . .	(2)	Feijão sêco	(2)	Goiaba, Manga
VITAMINAS	(2)	Laranja	(1)	Abacaxí, Banana
Fígado e leite crús	(1)	Banana	(1)	Salsa Cenoura
Manteiga não derretida . .	(2)	(Gema) Ovo (Clara)	(2)	Tomate crú
Sebo de boi. Olios de algodão, de côco, de fígado de	(2)	Carne magra	(2)	Suco de fígado
bacalháu	(1)	Coração de boi	(2)	ou de carne crúa
	(1)	Leite fresco	(2)	Leite fresco ou ácido

ÓLEO DE FÍGADO DE BACALHÁU ou de halibut. LEITE e MANTEIGA frescos. — GEMA dos ovos. SOL SÔBRE A PELE NÚA.

... "as crianças que vivem enclausuradas, sem sol nem arejamento suficientes, adoecem de raquitismo. Mas como a ignorância humana não tem limites, também filhos de ricos ficam raquíticos. Quantas vezes pensei nestas cousas vendo em Palermo, como as crianças jogam empacotadas em roupa, com as mãozinham prisioneiras em luvas elegantes, com chapéu, brincam protegidas dos raios do sol, enquanto a *miss* lê um romance muito convencida! E êsses probrezitos bebês transportados em carrinhos elegantes, cobertos de seda e os interessados, tendo muito cuidado que a pequena capota impeça o beijo bemdito do sol! Pobres crianças! Aqueles que não teem roupas paar cobrir a pele vivem longe do sol, os que não tem o sol ao seu alcance andam cobertos de roupas". (Pag. 109 — Pedro Escudero).

O VAGALUME

Quem és tu, pobre vivente,
que vagas triste e sozinho,
que tens os raios da estrêla
e as asas do passarinho?

A noite é negra; raivosos
os ventos correm do sul;
não teme que êles te apaguem
a tua lanterna azul?

Quando tu passas, o lago
de estranhos fogos esplende,
dobra-se a clícia amorosa,
e a fronte mimosa pende.

As folhas brilham, lustrosas
como espelhos de esmeralda;
fulge o iris nas torrentes
da serrania na fralda.

O grilo salta das sarças;
piam aves nos palmares;
começa o baile dos silfos
no seio dos nenufares.

A tribu das mariposas,
das mariposas azues,
segue teus giros no espaço,
mimosa gota de luz!

São elas flores sem haste;
tu és estrêla sem céu!
procuram elas as chamas;
tú amas da sombra o véu!

Quem és tu, pobre vivente
que vagueias tão sozinho,
que tens os raios da estrêla
e as asas do passarinho?

NDES

ELA

CANTIGA

Viajante que deixaste
as ondas do Panamá,
vela ao entrares no porto
aonde o gigante está.

Êle dorme, dorme, dorme,
mas nem sempre dormirá,
basta um bafejo, um sussurro,
que o gigante acordará.

Viste as montanhas e os vales
daquelas terras de lá,
talvez as veigas da Itália
e as rosas de Bagdad.

Mas uma plaga como esta
nunca enxergaste quiçá,
viajante que deixaste
as ondas do Panamá!

Contempla os índios valentes
das florestas do Pará,
escuta os sons das cascatas
e os cantos do sabiá.

Curva-te ao guarda soberbo
que junto da barra está,
mede as vagas do Amazonas
e os campos do Paraná.

Colhe do rio nas margens
as brancas flores do ingá,
dorme à sombra majestosa
do excelso jequitibá.

Volta depois a teus lares,
conta o que viste por cá,
viajante que deixaste
as ondas do Panamá!

Mas olha que junto ao porto
soberbo gigante está,
êle dorme, dorme, dorme,
mas nem sempre dormirá!

BIBLIOTECA
ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO

BIBLIOGRAFIA

Alaíde Lisboa de OLIVEIRA

APRENDE TU MESMO A REDIGIR - Prof. Estevão Cruz - Edição da Livraria do Globo - Porto Alegre

Eis um livro que nos interessa vivamente: "Aprende tu mesmo a redigir" do sr. Estêvão Cruz. Para nós professores, um bom manual de estilo tem grande valor. Sendo a composição escrita, uma das formas de expressão mais necessárias, conceitos e conselhos, que possam concorrer para o seu aperfeiçoamento, devem ser recebidos com simpatia pelos que militam no campo do ensino.

O livro se apresenta com um tom delicado, amigo, paternal, o que predispõe o leitor a atender de bôa vontade ao Autor. Nada de dogmatismos. Fica isso muito bem ao livro, porque, sobre assunto tão complexo e de difícil verificação de resultados, o que se pode mesmo fazer é aconselhar e analisar certas vantagens de processos. Comentemos alguns pontos de vista do A.: Logo às primeiras páginas encontramos o seguinte: "E' claro que não se trata aquí de ensinar a escrever, no sentido de ensinar a ter conjunto de dons naturais, que, quando muito, podem, por obra do esfôrço, a chegar a tal ou qual gráu de desenvolvimento e de brilhantismo". Como vemos, talento, no sentido a que se refere o A. é essa vocação, essa qualquer cousa indefinida, misteriosa, graça dos eleitos.

Continua o A. "trata-se porém de ensinar a usar o bom senso, a gramática e determinadas regras que a experiência e a praxe consagram."

Usar o bom senso! Veja-se como tem razão o A. O que falta, de começo, aos nossos alunos é o uso do bom senso. E' verdade que o uso implica a existência do bom senso — que nem sempre existe — mas que o professor pode desenvolver mesmo através das composições. Os nossos professores já devem ter notado, que, no curso primário, como no secundário, é cousa comum encontrarem-se, nas composições dos alunos, frases, períodos, falhas de lógica, falhas de sentido. Sabemos que as causas de tais tropeços variam; mas todas elas podem ser sanadas, e um manual de estilo vem em nosso auxílio com armas eficientes. Poderíamos enumerar algumas causas de falta de lógica nos trechos: 1.º pouco conhecimento da língua; 2.º falta de atenção; 3.º pressa, ou falta de uma segunda leitura; 4.º falta de hábito de pensar, imprecisão de espírito, má assimilação, etc. Todas essas falhas devem ser bem ponderadas. Um manual de estilo, como o do sr. Estêvão Cruz pode prestar-nos ótimos serviços nesse trabalho. O A. trata diretamente da questão: escrever, mas apresenta-nos ainda bons capítulos: sôbre a leitura por exemplo, — quê é ler, quê se deve ler, como se deve ler. Note-se, de passagem, um conceito judicioso do autor, no referido capítulo: "O que se deve procurar assimilar é o tom, a graça, o requinte, a sensibilidade, o processo íntimo, oculto, coisas que nos levam a encontrar as belezas que emocionam."

Um outro capítulo bastante interessante e muito bem lembrado em um livro sôbre a maneira de escrever é o III cap.: "Como se aprende a pensar". Só o fato de o A. chamar a atenção para a necessidade no desenvolvimento da linguagem, no esenvolvimento da linguagem, merece elogios.

Sempre fomos de opinião que os manuais de estilo sejam mais um livro para professores do que para alunos. Supomos que as regras, os conceitos, as sistematizações de qualidades de estilo, defeitos, etc., podem inibir o aluno. No curso primário e mesmo no começo do secundário, a espontaneidade na redação é absolutamente necessária. O essencial é que o aluno traduza o seu pensamento, diga o que pretende dizer. A evolução do estilo nos indivíduos parece que é mais ou menos uniforme, tem suas fases bem marcadas: primeiro a da limitação, do acanhamento, da "falta de assunto" com os próprios alunos confessam; depois a da exuberância, da verbologia e depois é que vem a do amadurecimento, a das justas medidas. Esse desenrolar na expressão deve ser orientado diretamente por um professor atendendo-se às diferenças individuais. Para os alunos que vão chegando à terceira fase, um manual, como o do sr. Estêvão Cruz já oferece ótimas oportunidades para o aprimoramento do estilo.

Chamamos a atenção dos professores para os trechos citados como exemplos, trechos que constituem um bom material ilustrativo. Parece-nos que houve um excelente critério na sua escolha: bom gôsto, seriedade. Exemplos de sã literatura que predispõem à leitura e podem interessar os alunos pelos bons livros e pelos bons autores.

No último capítulo o A. tece comentários interessantes sôbre o gênero epistolar. Queremos discordar aquí de um pequeno tópico. "Depois de dizer que a carta é uma conversação continua o A.: "Conversar é um dom: não se ensina. Por essa razão, até um certo ponto não é possível ensinar a escrever carta". Na 2.ª afirmativa a restrição: "até um certo ponto" põe a salvo a discussão. Nós alteraríamos a frase e diríamos: até certo ponto é possível ensinar a escrever carta. Discordamos inteiramente da 1.ª asserção: "Não se ensina a conversar". Segundo nosso ponto de vista ensinar-se a conversar. E desde o curso primário, devemos mesmo manter, com o maior tom de naturalidade, aulas de conversação, em que certos bons hábitos vão sendo desenvolvidos, cultivados, e certos defeitos vão sendo eliminados. No curso normal e no secundário além de ensinar o aluno a contar fatos, episódios, etc., já podemos chamar sua atenção para a melhor maneira de conversar, fazendo sentir o belo efeito de certos recursos e o ridículo de certas cacuetes. Não vamos fazer de cada aluno um artista da prosa, mas podemos fazer, deles, bons conversadores, capazes de se insinuarem e de se tornarem agradáveis. Podemos pelo menos evitar que a classe dos "cacetes palradores" não se enriqueça. Se não nos enganamos, o livro de De Amicis: "L'idioma gentile" previne bem, mestres e alunos, dá conselhos úteis à arte de bem conversar, põe a vivo diversos tipos de conversadores.

Não nos esqueçamos: a arte de bem conversar é fator importante da arte de bem viver. Quem ensina a bem conversar ensina a viver melhor.

INSTITUTO DE OLHOS, OUVIDOS, NARIZ E GARGANTA

Dr. Hilton Rocha

Livre Docente de Clínica Oftalmológica das Faculdades de Medicina das Universidades do Brasil e de Minas Gerais

Dr. Pinheiro Chagas

Oto-rino-laringologista do Instituto Raul Soares e do Hospital São Francisco de Assis

CONSULTAS DIÁRIAS DAS 3 ás 6 - EDIFICIO CINE BRASIL

SALAS 608 A 614 - TELEEONE, 2-3171

DR. LUCAS M. MACHADO

Ginecologia-Obstetrica

RUA SÃO PAULO, 692 — TELEF. 2-1697

DR. SILVINO PACHECO

MÉDICO

DOENÇAS DAS SENHORAS - OPERAÇÕES

AFONSO PENA, 952
3.o andar

SALAS 326 a 330
Fone 2-5682

LABORATORIO VERITAS

Química e Microscopia Clinica

Drs. ALMEIDA CUNHA e E. DE SOUZA E SILVA
PROFESSORES DA UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS

e VIRGILIO HE'LIO MOCI
PREPARADOR DA FACULDADE DE MEDICINA

Rua Rio de Janeiro, 634 — Junto á Praça 7 — Tel. 2-3333
Caixa Postal, 169 — Belo Horizonte

Uma experiência proveitosa

L. M.

"A lição não é uma ação isolada senão um "ciclo" de atos" - *Radice*

Um trabalho na escola que requer grande atenção e habilidade do professor é o trabalho de revisão da matéria dada.

Para garantir a aprendizagem de fatos novos é necessário que a matéria já ensinada tenha sido bem compreendida, assimilada, e trabalhada pelo aluno. Daí as repetições, os exercícios frequentes e as verificações contínuas. E o sucesso dêsses diferentes trabalhos depende do modo como são conduzidos pelo professor. *A repetição* de uma aula requer habilidade do professor. Para não aborrecer a classe, uma nova apresentação, um novo material se faz mistér; *o exercício* exige bôa organização e objetivo bem definido; *a verificação* finalmente, deve conduzir a um diagnóstico seguro do desenvolvimento do aluno.

Após qualquer lição deve o professor procurar conhecer o gráu de assimilação de cada um de seus alunos. Assim, indagará: Fui bem clara na minha exposição? Teriam os meus alunos compreendido bem o que ensinei? Não haverá dúvida, confusões, dificuldades em seu espírito?

E, para evitar que tomem um caminho errado, procurará descobrir os motivos que os levaram a certas confusões, a certos erros. E' a isso que Thorndike chama "diagnóstico das dificuldades".

E' sobretudo, em aritmética que o professor tem mais necessidade de estar revendo e repisando a matéria dada. Não se póde conceber que se ensine uma operação aritmética sem que os fatos básicos que a ela conduzem estejam bem compreendidos e fixados.

E, entretanto, a maior parte dos fracassos em aritmética está no ensino mal ordenado da matéria. Alunos há que chegam ao curso secundário desconhecendo fatos os mais elementares. Uma simples questão os deixa perplexos e desorientados.

Para sanar tais falhas tão comuns no ensino da aritmética é necessário que o professor revise continuamente a matéria afim de, à vista dos resultados, promover novas situações que levem os alunos, mesmo os mais rudes, à compreensão exata dos fatos aritméticos.

Uma experiência muito interessante foi feita nesse sentido de verificação em alguns dos grupos da Capital, tendo dado excelentes resultados.

Com o objetivo de conhecer o desenvolvimento, em aritmética, dos alunos de terceiro e quarto anos organizou-se toda a matéria, a partir do primeiro ano, em séries de exercícios, encerrando cada uma 10 questões. Cada série recebeu o nome de "assinatura", denominação esta tirada do "Plano Dalton" em que foi inspirado êste trabalho.

Organizadas as "assinaturas" em número de 8, procurou-se um motivo para introduzí-las nas classes,

afim de que os alunos se interessassem pelo trabalho. Foi determinada meia hora, duas vezes por semana, para essa experiência. Os alunos, à medida que resolviam as questões de uma "assinatura", passavam à seguinte e, assim, sucessivamente, até onde os seus conhecimentos e experiências lhes permitiam chegar.

Vejamos como se fez tal trabalho em uma classe de 3.º ano do Grupo Escolar "Afonso Pena", da Capital e como reagiram os seus 33 alunos.

(Resultados fornecidos pela regente da classe, professora Aurea Queiroga).

Motivada a introdução das "assinaturas" escolheram-se dois dias na semana para a realização do trabalho que interessou profundamente os alunos.

Durante 10, 15 e, no máximo 20 minutos, entregavam-se atentamentamente à tarefa, procurando, cada qual, atingir mais depressa a última série, curiosos por medirem as suas forças na solução de questões cujas dificuldades iam aumentando sempre.

1.ª "Assinatura"	Percentagem das respostas certas
Nome do aluno	
1.º) Escreva de 2 em 2 até 20	100%
2.º) Faça uma cruz à esquerda desta caixinha	34%
3.º) Faça um círculo e um quadrado (Desenho de uma caixinha)	100%
4.º) Quantas dezenas de meninos há numa classe de 42 alunas?	93%
5.º) Comprei 2 duzias de ovos no mercado, mas 4 se quebraram; quantos ovos ficaram?	100%
6.º) Com que medimos fita — leite — carne?	90%
7.º) Paulo ganhou 2$000 de seu avô. Comprou uma revista por $400 e tomou um sorvete de $500. Com quanto ficou?	84%
8.º) D. Alda tem só 15 alunos e D. Maria tem o dobro. Quantos alunos tem D. Maria?	96%
9.º) Qual é a metade de 28?	93%
10.º) Diga quantas horas marca êste relógio (Desenho de um relogio, mar. 6h,10m)	87%
2.ª Assinatura	
Nome do aluno	
1.º) Completar a seguinte série 20 - 25 — — — — 50	100%
2.º) O dinheiro da loja escolar é guardado em rolos de 10$000 cada um. Que quantia há em 5 rolos?	
3.º) Faça as seguintes somas: 8+7+3= 904 / 37 +	93%
4.º) Faça as seguintes subtrações: 12 - 8 = 734 / 212 -	84%
5.º) Júlio comprou 2 metros de cordão a $500 o metro. Quanto gastou?	96%
6.º) Pedro comprou 1 quilo e meio de balas para a festa de seu aniversário. As balas não chegaram e êle teve que comprar mais meio quilo. Quantos quilos comprou?	80%
7.º) Escreva com algarismos romanos os seguintes números: 2-4-6 e 9.	90%
8.º) Faça esta multiplicação: 826 / 4 × E esta: 7×9=	84%
9.º) 24 ÷ 3 = 45 ÷ 9 =	90%
10.º) Desenhe um triângulo e um retângulo	96%

3.ª assinatura

Nome do aluno .. ..

		Percentagem das respostas certas
1.º)	No n.º 6.758, risque o algarismo que representa as centenas.	57%
2.º)	Escrever em algarismos: a) cento e cinco b) mil e vinte e nove	84%
3.º)	Quantas dezenas há em 87?	84%
4.º)	Acrescente a 12 o triplo de 5.	15%
5.º)	Escreva de 3 em 3 até 30.	80%
6.º)	Escreva com palavras o número: 2.680	93%
7.º)	Qual a metade de 68$000?	69%
8.º)	Desenhe um relógio (com algarismos romanos) marcando 7 horas e vinte minutos.	60%
9.º)	Quantos dias há em 2 anos?	60%
10.º)	Escrever com palavras: 2:327$500.	60%

4.ª Assinatura

Nome do aluno .. ..

1.º)	Escreva em algarismos romanos: 16, 55, 134, 500.	33%
2.º)	Risque na seguinte série, os números ímpares: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10.	100%
3.º)	Separe, com traços, a terça parte das seguintes bolinhas: O O O O O O O O O	90%
4.º)	Escreva, com algarismos, a seguinte quantia: oito contos, seiscentos e vinte e cinco mil réis.	63%
5.º)	Faça a seguinte soma: 8.075+6.583=	60%
6.º)	Faça a seguinte subtração: 9.874 - 6.583=	78%
7.º)	Faça a seguinte multiplicação: 8.769×4=	69%
8.º)	Faça a seguinte divisão: 9.634÷4	80%
9.º)	Lúcia comprou um vestído por 40$500. A costureira pede pelo feitio, 25$000; os enfeites custaram 5$800. Em quanto ficou o vestido de Lúcia?	66%
10.º)	O pai de Lúcia lhe havia dado uma nota de 100$000 para comprar e pagar o feitio do vestido. Com quanto Lúcia ainda ficou?	54%

5.ª assinatura

Nome do aluno .. ..

1.º)	Separe em classes os seguintes algarismos: 8 5 9 6 3 0 4 e escreva com palavras o número formado:	48%
2.º)	Faça a seguinte subtração: 10.138 - 8.575=	83%
3.º)	Faça a seguinte multiplicação: 58.609×78=	45%
4.º)	Multiplique por 100 o número: 7.650	93%
5.º)	Faça a seguinte divisão: 32.054÷85	5%
6.º)	Divida por mil (1000), o seguinte número: 78000.	53%
7.º)	Qual é a quarta parte de 100$000?	58%
8.º)	De uma pipa de vinho tirou-se 1/2 litro, depois 3/4 de litro e finalmente 1 litro. Quantos iltros foram tirados?	41%
9.º)	A Diretora do Grupo reservou 200$000 para a compra de uniformes. Comprou 85 metros de fazenda a 1$600 o metro. Que quantia lhe restou?	
10.º)	Com os 85 metros de fazenda, quantos uniformes foram feitos, se em cada um gastou-se 2 metros?	70%

Percentagem das repostas certas

6.ª assinatura

Nome do aluno .. ..

1.º) Ganhei êste pedaço de bolo que aí está desenhado. Dei a parte sombreada a meu irmão. Escreva no 1.º traço, quanto dei a êle e no 2.º traço, qual a fração que me tocou. ——— ——— 59%

(Desenho de quatro quintos de 1 bolo)

2.º) Procure o ano em que nasceu José, sabendo que no dia 15 de Outubro dêste ano, êle faz 9 anos. 100%

3.º) Maria passou um telegrama de 22 palavras para Araxá. Quanto terá gasto se pagou 1 tostão por palavra e a taxa de 1$000? 93%

4.º) Que diferença há entre fração ordinária e decimal? 65%

5.º) Escreva com palavras esta fração: 0,56 62%

6.º) Que nome você dá aos dois termos desta fração: $\frac{2}{3}$ a) b) 78%

7.º) Que fração falta a 2/5 para se completar um inteiro? 52%

8.º) Coloque em parcelas e some estes números decimais: 1,05+0,7+1,325 81%

9.º) Multiplique estes números decimais 8,056×3,91 15%

10.º) Veja por quais algarismos 284, 393, 510, são divisíveis e diga porque. 21%

7.ª assinatura

Nome do aluno .. ..

1.º) Faça a seguinte divisão: 8,765÷2,05 6%

2.º) Ache o M. D. C. de 324 e 132. —

3.º) Quais são as divisões do metro? 28%

4.º) Quantos metros há em 25 Km. 18%

5.º) Quais são as outras medidas métricas? 25%

6.º) Em 10.600 grs. de açúcar quantos quilos há? 62%

7.º) Qual é a área de um jardim que mede 8 m 45 cms. de comprimento e 6 m 50 cms. de largura? —

8.º) Qual é o volume de uma caixa dágua que tem de comprimento 1 m 25, de largura 2 m 30 e de profundidade 0 m 94 cms.? —

9.º) Quantos litros dágua pode conter essa caixa? —

10.º) Para ladrilhar uma sala quadrada de 8 m 15 de lado, um homem pagou 8$000 por metro quadrado. Quanto pagará pela sala toda? —

8.ª assinatura

Nome do aluno .. ..

1.º) Como se sabe que um número é divisível por 4, 6 e 9? 80%

2.º) João tratou o atijolamento de um pátio de 20 m² a 5$000 o m². Chamou um companheiro para ajudá-lo. Êsse companheiro fez 2/5 do trabalho e João fez 3/5. Que quantia recebeu cada um? —

3.º) Faça estas contas: —

a) $\frac{3}{4}+\frac{2}{5}=$ b) $2\frac{4}{8}-1\frac{1}{2}=$

c) $8\frac{2}{3}\times 5=$ d) $\frac{4}{6}\times\frac{3}{9}=$

4.º) D. Francisca tem 3/4 de um bolo para dividir entre 6 meninos. Que pedaço de bolo cada um recebeu?

8.ª assinatura (continuação)	Percentagem das respostas certas
5.º) Ache a área de um triângulo que tem de base 12,m50 e de altura 8,30.	—
6.º) Desenhe uma circunferência e trace: o diâmetro, uma tangente e um raio.	—
7.º) Desenhe todos os quadriláteros que você conhece.	85%
8.º) A casa "Orion" está vendendo sapatos com 20% de desconto. Quanto pagarei por um sapato de 65$000?	—
9.º) Em uma classe de 38 alunos, qual foi a porcentagem da frequência se comparecerem só 32 alunos?	—
10.º) Tomei na Caixa Econômica 35:000$000, pagando os juros de 10% ao ano. No fim de 2 anos e 6 meses, quanto terei pago de juros?	

Examinando-se as percentagens de respostas certas nas diversas "assinaturas", encontramos algumas muito baixas, o que nos faz procurar as causas que levaram os alunos a fracassarem em questes tão simples e já ensinadas, conforme o afirma a professora em suas observações.

Entre outras causas julgamos acertado apontar:

1.º) Questões mal propostas originando dúvidas e conduzindo a erros. Está neste caso a questão n.º 2 da 1.ª assinatura. (Onde a esquerda da caixinha?).

2.º) Expressões pouco usadas e construção obscura das frases, dificultando o raciocínio. (Ver as questões n.º 4 da 3.ª assinatura e a n. 10, da 1.ª assinatura).

3.º) Falta de atenção na leitura de certos problemas (principalmente dos problemas em série) e na execução das contas, falha essa que se verifica frequentemente. (Observação da professora).

A partir da 6.ª assinatúra as dificuldades foram aumentando até que a classe não mais pôde avançar dando-se então por terminado o trabalho.

FICHA DE CONTRÔLE do aluno R. M. F.

Assinaturas	QUESTÕES										TOTAL
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
1.ª	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	10
2.ª	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	10
3.ª	+	+	—	—	+	+	+	—	+	—	6
4.ª	—	+	+	+	+	+	+	+	—	—	7
5.ª	—	+	+	+	+	+	—	—	+	+	7
6.ª	+	+	+	—	+	+	+	+	—	—	7
7.ª	—	—	+	+	—	+	—	—	—	—	3
8.ª	+	—	—	—	—	—	+	—	—	—	2

Data do inicio — 20 de Outubro de 1939

Fim — 10 de Novembro de 1939

FICHA DE CONTRÔLE

Esgotado o tempo determinado para essa atividade, concluida ou não a assinatura tomada, a professora procedia à verificação dos erros. Uma vez assinalados, era a "assinatura" devolvida ao aluno para que êle lançasse na sua "ficha" os resultados, indicando com um — os casos errados e com um + os casos certos. (Ver a ficha do aluno R. M. F. Após esse registo seguia-se o trabalho de correção. Se a maioria da classe havia incidido no mesmo erro a professora servia-se da oportunidade para uma nova aula e novos exercícios.

Conquanto o trabalho fosse individual houve diversas oportunidades para aulas coletivas e trabalhos de colaboração. Não raras vezes o assunto das assinaturas era discutido no recreio cruzando-se as opiniões, esclarecendo-se as dúvidas e, quasi sempre, terminavam com explicações em classe, provocando uma série de exercícios oportunos e úteis.

Como se vê esse trabalho de verificação além de favorecer a revisão geral do programa de aritmética desde o 1.º ano, permite à professora:

a) conhecer os pontos fracos e as deficiências de cada aluno;
b) corrigir-lhe os erros e confusões;
c) torná-lo conciente das próprias falhas e dificuldades;
d) provocar-lhe o esfórço individual;
e) desenvolver-lhe o espírito de responsabilidade;
f) avaliar e contornar as dificuldades de certos fatos;
g) melhorar os seus processos de ensino, organizando com mais método a matéria a ensinar.

NOTA — A matéria contida nas 8 assinaturas foi tirada do programa em experiência de 19399.

PAUTAÇÃO - ENCADERNAÇÃO - DOURAÇÃO - LINOTIPIA
LIVROS EM BRANCO, OBJETOS DE ESCRITÓRIO E DESENHO-CONFECÇÃO ESMERADA DE LIVROS SOB MODELO.

PAPELARIA e TIPOGRAFIA BRASIL

VELOSO & CIA. LTDA.

FABRICA DE CARIMBOS DE BORRACHA E METAL

FILIAL: RUA CARIJÓS, 418-FONE, 2-7976 - RUA DA BAÍA, 932
CX. POSTAL, 40-TELS. 2-3217, 2-2440-END. TELEG. VELOCON
OF. R. GUAJAJARAS, 1540 - TEL. 2-2507 - B. HORIZONTE

Menores abandonados

De Juiz de Fóra, a cidade mineira progressista e laboriosa, chega-nos, agora, uma notícia comovente em sua realidade, auspiciosa em sua significação.

O dr. João Luiz Alves Valadão vira-se — há pouco menos de um ano — por nomeação governamental, à testa da Delegacia Regional da localidade. E à sua inteligência de homem culto e à sua sensibilidade de homem bom, apresentou-se como problema digno de estudo e solução imediata, a criminalidade infantil, olhada, até então, como simples "questão de polícia". Cidade de intensa vida industrial, condicionando relações sociais e comerciais em contínuo progresso, Juiz de Fóra vê subir, com o aumento de sua população, o contingente infantil, fadado, infelizmente, em boa parte, a um abandono prematuro e perigoso pela sua própria situação de cidade crescente em âmbito, em atividades, em relações sociais.

E então, colocando-se corajosamente à frente de um grupo — de boa vontade e compreensão — um médico, um padre, militares — orientado sabiamente pela Delegacia de Polícia do Estado e auxiliado pela sociedade juiz-de-forana, o dr. Valadão começa a agir: aluga uma chácara, entrega-a à assistência familial de um casal honrado, e põe-se a recolher menores abandonados: doentes, pequeninos ladrões, viciados de todos os vícios, relapsos, vadios, famintos, todos iam sendo recebidos na "chácara".

Primeiro, foi-lhes dada assistência médica, alimentar e higiênica. Depois, o trabalho e a instrução. A par disto a educação religiosa, cívica e moral.

E a "Chácara", que é apenas uma experiência, mas uma "experiência vitoriosa", vem colhendo resultados satisfatórios para a coletividade juiz-de-forana. Já passaram por ela 63 menores; deles, restam 42 internados. A disciplina e o físico melhoram consideravelmente. O número de pequenos furtos de menores diminuiu, na cidade, de 176 em 1939 para 39 em 1940.

São resultados animadores. São resultados que afirmam a possibilidade da solução do problema da criminalidade infantil na cidade, para o que, — diz o dr. Valadão — é necessário que a Chá possa abrigar, no mínimo, 200 menores.

E mesmo que não fosse tão animador o registo de fatos, confortar-nos-ia saber que há uma vontade, uma compreensão e um entusiasmo à frente de tão grave problema, dizendo:

"Isto nos dá certeza de que não há incorrigíveis. Há falta ou erros de educação."

E para suprir essa falta ou corrigir, tanto quanto possível, êsses erros, é que se organiza e se mantém, à custa do esfôrço, dedicação e inteligência de um pequeno grupo de patriotas a "Chácara de Menores", de Juiz de Fora.

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

UMA HISTORIA

NOTA

A popular história de D. Baratinha é das mais queridas de nossas crianças. Presta-se admiravelmente para ser dramatizada pelos pequeninos, pois é dinâmica e tem pouco discurso. As classes primárias da E. de Aperfeiçoamento já a dramatizaram por diversas vezes. Para uma caracterização simples e pouco dispendiosa, as professoras fizeram más caras de cartolina representando os animais. O simples uso dessas máscaras, sem qualquer outro disfarce, dá mais graça à dramatização e promove melhor identificação da criança com o animal que vai representar.

Era uma vez... D. Baratinha.

Um dia D. Baratinha estava varrendo a sua casinha, quando achou um tostão. Deu pulos de alegria:

— Achei um tostão! Achei um tostão!

Depois, arranjou muito bem arranjada a sua cozinha, enfeitou-se toda e foi para a janela.

A janela dava para uma rua por onde pssavam todos os senhores importantes do lugar.

D. Baratinha pôs-se a gritar. Assim:

— Quem quer casar com D. Baratinha que tem dinheiro na caixinha?

— Quem quer casar com D. Baratinha que tem dinheiro na caixinha?

Lá, no princípio da rua, vinha vindo o Sr. Cavalo.

E D. Baratinha perguntava:

— Quem quer casar com D. Baratinha que tem dinheiro na caixinha?

— Eu quero! Eu quero! respondeu o Sr. Cavalo.

— Quer? perguntou D. Baratinha. E como é que você faz à noite, quando chega a casa?

— Him! Him! Hiiim... rinchou o Cavalo.

— Não, senhor! Deus me livre! Você faz muito barulho! Não quero!

O cavalo se foi e D. Baratinha continuou balançando no ar a sua caixinha de dinheiro.

— Quem quer casar com D. Baratinha que tem dinheiro na caixinha?

— Quem quer casar com D. Baratinha que tem dinheiro na caixinha?

Passou o Sr. Boi.

— Eu quero! Eu quero!

— Quer? E como é que você faz à noite, quando chega a casa?

— Mú! Mú! Múúú...

— Não quero! Você faz muito barulho! Não quero!

E o boi se foi e D. Baratinha continuou.

.....

(Assim passam diversos animais: o galo, o camelo, o burro, o gato, etc., sempre com a pergunta de D. Baratinha e a resposta com a voz caracteristica de cada animal).

.....

Depois, vinha vindo D. Ratinho, todo elegante, de roupa nova.

D. Baratinha continuava:

— Quem quer casar com D. Baratinha que tem dinheiro na caixinha?

— Eu quero! Eu quero! respondeu D. Ratinho.

— Quer? E como é que você faz à noite, quando chega a casa?

— Cuim... Cuim... Cuim...

— Como é delicado e bonito! Você me serve. D. Ratinho. Você me serve!

E começaram logo os preparativos para a festa do casamento. Todos os animais do lugar foram convidados. Quando chegou o dia marcado. D. Baratinha enfeitou toda a sua casa, comprou doces e bolos. Temperou uma boa panela de feijão com toucinho e deixou a ferver no fogão até a hora da ceia. Depois, vestiu-se de noiva, com véu e grinalda e ficou à espera do noivo e dos convidados.

Logo depois chega D. Ratinho acompanhado de D. Ratão, D. Ratazana e das Ratazinhas irmãs. Logo que chegou, o noivo sentiu o cheiro do feijão com toucinho e lá foi dar uma espiada na cozinha.

— Hum! Deve estar gostoso!

Mas a noiva e os convidados já estavam de saída e o padrinho, o sr. Burro, veio buscá-lo.

E sairam para a igreja.

No caminho, D. Ratinho lembrou-se do cheiro gostoso da panela de feijão e resolveu ir lá provar um pedacinho. Disse aos convidados.

— Que pena! Esqueci-me das luvas. Vou buscá-las. Vocês vão andando que eu já volto.

Correu até a casa, foi à cozinha, destampou a panela...

— Hum! Que gostosura!

Debruçou-se um pouco mais... ficou tonto com o vapor e... Catrapuz! Lá se foi D. Ratinho para dentro da panela de feijão.

Enquanto isto, a noiva e os convidados esperavam na igreja: Nada! Esperaram... esperaram... Nada! Resolveram voltar. Procuraram D. Ratinho por toda parte. Reviraram toda a casa. Nada de D. Ratinho! Já cansados e desapontados, os convidados foram para suas casas. D. Baratinha tirou o véu, a grinalda e ficou triste e só.

A' noitinha, ela sentiu fome e foi à cozinha. Despejou numa travessa a panela de feijão e... Santo Deus! Lá estava o seu noivo... morto.

D. Baratinha chorou... chorou... e nunca mais quís saber de casamento.

Minha Senhora!

Permanentes todos fazem, mas uma linda ondulação permanente só é feita no

INSTITUTO LUDOWIG

Massagens, limpeza da péle, Manicure, penteados e tinturas ainda no

INSTITUTO LUDOWIG

No interesse de sua beleza use sempre os afamados produtos de beleza LUDOWIG

Rua da Bahia, 1795 - Telephone, 2-1969

No país onde não havia gatos

(Tradução de JORGE JOBIM)

Tinha Da-Nain apenas doze anos quando ficou órfão. Um camponês o recolheu em sua casa. Durante o dia o pequeno levava os carneiros e as vacas para as verdes pastagens. A' noite consentiam que dormisse no estábulo.

Todas as tardes, depois do jantar, os criados se reuniam no eirado da chácara, para cantar e tagarelar. Um aldeãozinho contou uma vez que tinha ido a Pekim. Descreveu a capital e garantiu que lá as ruas eram calçadas de ouro.

"Não deve haver pobres nessa cidade, disse para si Da-Nain. Irei a Pekim, me apossarei de alguns paralelepípedos, e assim me tornarei rico."

Uma barcaça estava pronta para largar para Pekim. Dai-Nain entrou sorrateiramente nela no momento do embarque e se escondeu no fundo do porão.

Teve que ficar alí três dias em jejum porque nem se tinha lembrado de trazer um pouco de comida consigo.

Enfim, a embarcação penetrou no porto de Toun-Tcheon, distante quarenta quadras da capital.

Dain-Nain foi indo atrás dos grandes carros atulhados de arroz que se dirigiam para Pekim pela estrada real.

Êsse caminho, que parte do pôrto e leva ao quarteirão éste da capital, é todo calçado de mármore.

Da-Nain ficou maravilhado.

Quando chegou a Pekim já de tardinha, o sol dourava os tetos dos palacios. Da-Nain admirou as belas lojas, as carruagens, os trajes dos que passavam, mas verificou que as ruas eram de macadame ou de paralelepípedos de pedra.

Percorreu toda a cidade, não encontrou um só paralelepípedo de ouro e caiu, morrendo de fome e de fadiga, diante da porta de uma casa. Sua decepção era tal que desejava morrer.

O dono da casa, voltando à noitinha viu o pobre menino adormecido à sua porta.

— Que é que estás fazendo aí? Não tens então família?

Da-Nain narrou sua viagem, aludiu à sua ingênua esperança e acabou por confessar que estava com fome.

— Vamos, entra aquí na minha casa, vou ordenar que te deem de comer e poderás dormir melhor do que assim ao relento, disse muito comovido o bom homem.

Chamou sua velha cozinheira e mandou que desse de jantar ao garoto.

Essa criada servia havia muito tempo na casa, de modo que era tratada com certa consideração. Ela, porém, não merecia isso. Era uma mulher avarenta e má. Já se ia deitar quando o patrão a chamou, de sorte que recebeu muito mal o pequeno Da-Nain; levou-o, resmungando, para a cozinha, e deu-lhe um bolo de arroz já azedo.

— Toma, exclamou ela, come do nosso arroz, uma vez que só serves para viver de esmolas, mas na tua

idade já se pode muito bem trabalhar.

Da-Nain esperava palavras que o animassem. Seus olhos se arrazaram de lágrimas. Comeu tristemente o arroz detestável.

O dono da casa conversou com sua mulher a respeito do meninto e disse desta vez à criada:

— Estou com vontade de conservar êste pequeno aquí em casa, afim de ajudar-te e fazer com que trabalhes menos. Dá-lhe um colchão e um cobertor, e leva-o para um bom quarto.

E, acariciando a face do petiz, o dono da casa lhe desejou uma boa noite.

Começou então o martírio de Da-Nain. A terrivel criada não só o injuriava como maltratava, embora êle trabalhasse para ela desde a manhã até a noite.

Da-Nain apenas tinha descanso quando ia dormir. Seu quarto era entretanto invadido pelos ratos, mas Da-Nain temia menos os ratos que a megera.

Não ousava queixar-se a seu protetor, e tinha saudades do tempo em que passava os dias a guardar as vacas e os carneiros nas verdes pastagens.

Chegou o fim do ano. Nessa época, os pais costumam dar aos filhos como presente duas moedas, pequena soma em prata que as crianças não devem gastar até à primeira lua do ano novo, porque é um penhor de vida longa.

O protetor de Da-Nain era pai de uma menina tão boa quanto bonita que tinha muita pena do orfãozinho. Mandou chamá-lo e disse-lhe:

— Meus pais me deram duas moedas de prata e tu, pobre Da-Nain, nada ganhaste; vou dividir contigo o meu presente. Toma esta moeda; isto me causará prazer.

Da-Nain não ousava aceitar, mas a esposa do seu patrão insistiu também:

— Aceita, meu filho, a gente não deve nunca recusar o que é dado de boa vontade.

Da-Nain agradeceu com efusão e tratou de esconder a moeda, com medo que a velha a roubasse. Êsse dinheiro estava destinado a ser a origem da sua prosperidade.

Comprou um lindo gatinho branco que foi para êle um amiguinho esplêndido e muito dedicado; êsse gato o defendia de noite dos ratos que já não se animavam a sair de suas tocas. Durante o dia, Da-Nain escondia o bichano debaixo do cobertor e lhe levava uns restos de sua comida quando a criada saía para ir ao mercado.

Êsse gentil companheiro era um consôlo para a triste vida de Da-Nain Mas, ai dêle! — Os belos sonhos duram pouco. A perversa mulher acabou por descobrir a existência do gatinho. Quís matá-lo.

Da-Nain deu gritos de revolta que foram ouvidos no salão onde o dono da casa estava recebendo a visita de um grande mercador vindo da província. Êsse mercador ia embarcar para a Oceania. Encarregava-se de vender objetos usados, naquelas terras. Os donos das casas e os empregados reuniram tudo quanto possuiam nesse gênero: tetéias, porcelanas e vestidos foram confiados ao negociante. Cada qual esperava que as suas coisas dessem mais dinhei-

ro. Da-Nain era o único que não possuia nada para mandar vender.

Quando o mercador teve ciência do seu pesar, disse ao menino:

— Dá-me o teu gato, assim como assim, êle não pode mesmo ficar contigo.

— Que mercadoria mais exquisita, disse a velha, descontente.

Da-Nain beijou o seu amiguinho e se separou dele chorando.

O mercador fez a sua viagem e foi bem recebido na Oceania para onde levara toda a sorte de objetos desconhecidos. Para festejar sua chegada, os soberanos lhe ofereceram um magnífico banquete servido numa comprida mesa coberta de frutas e doces. Estava o mercador a regalar-se com as iguarias, quando um exercito de ratos gigantescos invadiu a sala do festim.

Os soberanos e os convidados se levantaram imediatamente, mas sem manifestarem nenhum espanto. Nem procuraram afugentar aqueles vís animais.

Êsses bichos são diabólicos, disse o rei com serenidade, mas temos que aguentá-los diariamente. São tão numerosos que não podemos nos desvencilhar deles.

Lembrou-se o mercador do gato de Da-Nain que tinha ficado dentro do navio.

— Eu os livrarei deles, se o quizerdes, propôs êle.

Rogaram-lhe que assim fizesse.

Foi êle então buscar o gato e soltou-o no meio dos ratos que debandaram correndo e não voltaram mais.

Os soberanos maravilhados quiseram possuir o precioso animal. Acharam que fizeram bom negócio dando em troca dele ao mercador mil pérolas admiráveis.

Alguns meses mais tarde, regressando a Pequim, o mercador que era honesto, foi procurar os seus fregueses para entregar-lhe o preço de suas mercadorias.

A velha criada não recebeu senão dez moedas por um corte de seda em mau estado que não valia mais do que isso.

— E o gato de Da-Nain? perguntou ela maldosamente, com certeza morreu no caminho.

— Preciso justamente falar ao senhor Da-Nain, disse o mercador em tom de deferência. Quer me fazer o favor de chamá-lo?

A velha, surpresa, foi chamar o rapazinho, que estava ocupado em varrer a cozinha.

— Anda, vem cá, vociferou ela rudemente. O mercador deseja falar contigo.

Da-Nain correu ao salão, esperando receber boas notícias de seu amigo. Como era muito curiosa, a velha ficou escutando à porta.

— Senhor Da-Nain, permita-me que lhe dê os parabens, disse o mercador apertando as mãos do órfão. O senhor está rico. O seu lindo gato foi comprado pelos reis de um país onde não havia nenhum bichano e eis aqui quanto pagaram êles pelo animalzinho.

Espalhou o mercador as pérolas sôbre um vasto tapete escuro onde elas brilharam como mil estrêlas.

Da-Nain tivera sempre muitas saudades do seu gato, mas êsse te-

souro inestimável lhe causou prazer. Ele o ofereceu à filha do seu protetor dizendo-lhe que era para pagar a divida da moeda com que ela o presenteara.

A mocinha gostava de Da-Nain, de modo que se casou com êle, tendo obtido para isso a permissão dos pais.

Quando o mercador partiu novamente para a Oceania, Da-Nain lhe confiou uma gata branca destinada a ser companheira do seu gato tão querido. Dêsse matrimônio nasceram muitos gatinhos.

De maneira que o país onde não havia gatos, ficou se chamando o país onde não há mais ratos.

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO PEDAGOGICO

A Secretaria da Educação pretende instituir novas condições para a matrícula na Escola de Aperfeiçoamento. O seguinte aviso publicado vezes seguidas no "Minas Gerais" e assinado pelo dr. Eliseu Laborne e Vale, chefe do Departamento de Educação, não deixa margem a dúvidas: "De ordem do sr. Secretário, comunico aos interessados que, em portaria a ser oportunamente baixada relativa ao funcionamento da Escola de Aperfeiçoamento, a partir de 1942, se incluirão, entre outros dispositivos, os referentes à exigência de uma prova de cultura geral, como condição indispensável ao ingresso no curso."

Essa medida vem recebendo aplausos do professorado. E com razão. Instalada com a finalidade de formar técnicas para o ensino primário, à Escola de Aperfeiçoamento interessa acolher o maior número de candidatos. E não podia ser de outra maneira. Multiplicando-se as escolas, urge alargar o quadro dos técnicos de ensino. Com a expansão da seara, mais se positiva a escassez de bons operários.

A Secretaria da Educação continua, portanto, a franquear os cursos da Escola de Aperfeiçoamento às professoras que desejem estudar, conhecer e aplicar as modernas técnicas pedagógicas. Para isso, porém, é necessário que as candidatas satisfaçam a um mínimo de requisitos, como, por exemplo, bôa saúde, hábito de trabalho intelectual, alguma cultura e gôsto da profissão.

Estamos certos de que as novas condições a serem estabelecidas, longe de fechar a Escola às candidatas, tornarão possível o curso às professoras que fazem do magistério primário um instrumento de elevação social, moral e intelectual.

Só assim veremos reduzir a suas justas proporções os pedidos de cancelamento de matrícula durante o curso, com prejuizo para a Escola e para o ensino

E são estes, segundo estamos informados, os louváveis propósitos da Secretária da Educação.

Era Uma Vez...

é a revista infantil mais bonita e mais util do Brasil

Grande Concurso Permanente de "Educando" com a cooperação do Departamento Mineiro da Cia. Editora Nacional

Por um lapso da Redação, não foi anunciado e nem se realizou o sorteio de livros correspondente ao número 13 p/p.

EDUCANDO volta a publicar os livros que serão sorteados dentro dos oito dias após a saída da presente edição, todos êles oferecidos pelo Departamento Mineiro da Companhia Editora Nacional.

Concorrerão ao presente sorteio todos os assinantes quites, da Capital e do Interior. Visto que a nossa Revista iniciou, com o número 13, o seu segundo ano de vida, uma reorganização será feita na lista dos que teem direito a figurar entre os candidatos aos prêmios.

No sorteio do presente número 14 entrarão os seguintes livros:

PRÊMIOS

1.º PRÊMIO	2.º PRÊMIO	3.º PRÊMIO
Introdução à Psicologia Educacional — *Noemy da S. Rudolfer* — Vol. 30 de "Atualidades Pedagógicas" — Editora Nacional. e *Contos leves* — Monteiro Lobato — Editora Nacional.	*Sociologia Aplicada* — Delgado de Carvalho — Da "Atualidades Pedagógicas" — Editora Nacional. e *América do Sul* — Antenor Nascentes — "Coleção de Viagens" — Editora Nacional.	*Pequena História das Américas* — Afrânio Peixoto — Editora Nacional. e *Como fazer amigos e influenciar pessoas* — Dale Carnegie — Editora Nacional.

Geografia Física da Localidade

Em primeiro lugar chamaremos a atenção das crianças para as irregularidades da superfície da terra. As regiões não são igualmente favoráveis a êste estudo, todavia não há localidade que não ofereça tipos geográficos caracteristicos: rio, lago, vale, colina, montanha, planície. Alguns mesmo de interêsse puramente local: morro, boqueirão, vossuroca, etc. De todos os tipos o que oferece assunto para mais largo e interessante estudo é o rio (ribeiro, ribeirão, córrego). Podemos estabelecer o seguinte sumário para um curso de água:

a) o leito, as barrancas, as margens, o fundo;

b) a correnteza. Por que o rio corre em tal sentido?

c) de onde vem e para onde vai o rio? Cabeceira, nascente, foz e embocadura.

d) o trabalho do rio (rolamento de seixos, destruição das margens, etc.).

e) aproveitamento do rio, para irrigação, mover monjolos, etc.

Tudo isto deve ser apreciado por observação direta. Alguns cursos de água darão oportunidade para observação de corredeira, cachoeira ou salto, afluente, confluência, etc.

Juntamente com a observação deverá o professor fazer as classes ver estampas de rios do mundo e dos principais rios do Brasil.

Nem tudo quanto constitue o conceito "rio" poderá ser observado, porém diante do objeto a palavra do professor terá o poder mágico de modificar e completar a imagem à sua vontade. Para a classe o resultado deve ser a formação do conceito completo, com toda a linguagem correspondente.

(Do livro "Como se ensina Geografia", de F. Proença, 2.ª edição, pags. 62-63).

"Cuidar da instrução primaria pura e simples, em nosso meio, é prosseguir na clássica universal de metodos e sistemas que têm caracterizado a evolução brasileira, em todos os tempos".

JOÃO PINHEIRO FILHO.

CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL

Rua da Baía, 1649 -- Fone 2-0151

Aceita depósitos nas seguintes contas:

Populares

Movimento

Prazo fixo

Retiradas por meio de cheques

SERVIÇO RÁPIDO E SEGURO

Garantia do Govêrno do Estado de Minas Gerais

Agências em todos os municípios mineiros

Origem: Doação
Preço: —